

RECORDAÇÕES DO LICEU DIOGO CÃO, DO REINO DE MACONGE E DAS TROPELIAS DA NOSSA JUVENTUDE !

1.

O Hugo das Mulas – Da fuga do Tchivinguiro montado numa mula, às fugas do Internato dos Maristas, passando pela viagem de borla no comboio para Moçâmedes...

O Hugo das Mulas era personalidade peculiar inimitável. Conheci-o no internato no tempo dos maristas , nessa altura como um exilado político do Tchivinguiro de onde fugira montado numa mula. (A mula foi devolvida e esquecida - a alcunha prevaleceu). Então fugiu do internato. O Celso (Maristas) organizou um mandato de captura e o Hugo depois duma digressão turística movimentada digna de futuro relato, foi apanhado pela policia em Benguela. Aí fugiu de novo e já no Lobito foi novamente capturado e trazido de volta de barco via Moçâmedes e de comboio para o Lubango. Tudo pago pelo estado...

Depois disso teve irremediavelmente de ir pedir asilo político na Pensão Angola onde novamente fomos colegas.

Dele existem recordações e episódios suficientes para serem contados durante 248 horas sem se parar e sem repetição.

Nesse célebre acampamento da MP em Moçâmedes , momentos antes da partida do comboio apareceu o Hugo . Não se tinha inscrito mas estava estranhamente muito bem fardado e a rigor, com as meias da ordem e tudo. O propósito e objectivo da sua missão - ir a Moçâmedes e não pagar bilhete.

O revisor por norma passava inspecção antes de Vila Arriaga e do Giraul. O seu dever profissional era contar contra o bilhete colectivo todos os piolhos verdes que viajavam no comboio.

O Hugo era um dos nossos, contraditoriamente o nosso dever assumido era protegê-lo , e assim por duas vezes antes das duas referidas paragens obrigatórias interrompemos intencionalmente a contagem do revisor saindo dos camarotes para o corredor e vice versa para apenas para distrair a contagem.

Depois de cinco ou seis tentativas infrutíferas de contagem o revisor exclamou literalmente : Ora porra, assim não se pode trabalhar...devem estar certos... vou-me embora. E foi. ..

Sobre um outro episódio esse passado na sede da Juventude da Huila, junto à Auto Reparadora, onde foi a primeira, única e última vez joguei ao loto e por acaso ganhei. Estava eu satisfeitíssimo a recontar os trocos quando me aparece o Hugo a reclamar metade do prémio. Perante a minha resistência e promessa de que se ele precisasse eu emprestava ele remarcou:

- Seabra ! quem é que te convidou para vires ao Loto ?

- Fostes tu - respondo eu, - mas isso não tem nada a ver com as calças.

Acrescenta ele : Ah não? E então quem é que também cantou da mesa os números que te fizeram ganhar?

Tinha sido ele - o "por acaso" não tinha sido por acaso .

Fico hoje por aqui, e gostava de saber em que parte do Universo o Hugo das Mulas se encontra.

Uma vez que entre vocês dois há causas e motivos comuns, e assuntos ainda por resolver (ha ha ha) pode ser que saibas.

Um grande abraço para ti e para todos os nossos

Joaquim Seabra Marques Pires

2.

O "Velha" e a troca dos pontos no Hotel Metrópole

Esta contou-me o próprio Velha, há uns 5 anos atrás, depois de um almoço na moradia dele, no Restelo.

Um amigo do Velha era aluno do meu pai, no Instituto Comercial e procurou o Américo, aflito, porque o ponto de Economia Política lhe tinha corrido muito mal. A nota era decisiva para ele passar o ano. O Velha começou por pedir a alguém, entendido na matéria, que fizesse o ponto, tendo o cuidado de errar duas ou três respostas. Depois, esperou pela hora do jantar, na rua da Huilaco, de onde era possível espreitar para a casa de jantar do Hotel Metrópole, onde todos nós estávamos hospedados. Quando nos viu à mesa com o meu pai, entrou no Hotel, foi direito à prancha onde estavam penduradas as chaves dos quartos e sacou a chave do quarto dos meus pais. Deve ter perguntado previamente a alguém o número do quarto. Não teve mais que entrar no quarto, procurar os pontos de Economia Política por corrigir e substituir o ponto do amigo por aquele que levava..

O amigo conseguiu uma boa nota e recebeu inclusive as felicitações do meu pai pela grande evolução demonstrada.

Sei outras do Velha e algumas não posso contar.

Eduardo Homem

3.

Também o “Caneco” teve o quarto invadido para troca dos pontos...

Eduardo a pedido da malta fez exactamente o mesmo mas com o Caneco no mesmo hotel, houve uma altura em que ele trouxe um exercício com perguntas dirigidas a inteligência, e chegou ao ponto de desafiar que se quiséssemos podíamos mesmo abrir os livros.

Foi pânico muito serio. Não e que fossemos burros, era porque era preciso pensar e usando conhecimentos que nunca adquirimos

Quando a hora do jantar fui ao quarto dele não troquei só o meu exercício, troquei de quase a malta toda do 4 B.

Foi a primeira e a ultima vez na vida que muitos de nos vimos ou tiramos Muito Bom.

Joaquim Seabra Marques Pires

4.

Declaração de amor por interposta pessoa...

Meu velho e bom amigo Castro Alves

Não sei se sabes ou te lembras que quando eu tinha 15 (Internato dos maristas, ao lado do nosso liceu) escrevi uma declaração de amor que na minha timidez de criança guardei na gaveta da minha mesa do estudo... talvez com receio de entregar...

Ou foste tu, ou foi o teu irmão mais velho ou o Ascenso quem descobriu a carta , leu e resolveu entregar sem meu conhecimento.

O resultado foi inesperado...a mocinha à saída do liceu totalmente de surpresa disse-me com um sorriso: aceito!!!...

Nem imaginava que a carta havia sido entregue...

A moça casou mais tarde com o meu primo Rui Seabra...

Foi uma atracção inocente e platónica, mas no fim nada se perdeu e tudo ficou na família.

Vai daqui de longe um abração grande e sincero cá do teu velho amigo.

Joaquim Seabra Marques Pires

5.

As garrafas escondidas no autoclismo do wc das meninas...

Não posso deixar de reviver de vez em quando aquela vez em que eu e 4 maduros, incluindo o teu irmão mais velho, nos apoderamos de algumas garrafas quando um famigerado restaurante da nossa capital da Huíla estava connosco a preparar o baile anual do sétimo no ginásio do liceu.

Na falta de sítio onde guardar as garrafas (Não poderíamos entrar no baile com as ditas na mão), fomos coloca-las escondidas nos autoclismos das casas de banho do ginásio, assim estariam já lá dentro à nossa disposição mesmo antes de entrarmos.

Para nosso azar houve um erro de cálculo, essa mesma casa de banho estava destinada às senhoras.

Durante o baile ficamos ansiosos e suspeitosamente nas proximidades, até que houve um espaço em que senhora nenhuma estava a utilizar o local e, de acordo com o plano, entramos silenciosa e rapidamente no primeiro cubículo e fechamos a porta.

Cada um de nós tinha direito a 10 "Glogues", medidos pelo movimento do pomo-de-adão do utilizador. Passando então daí por direito a garrafa ao sócio seguinte. Tudo correu bem até ao calor da terceira garrafa já num outro cubículo, aí alguém bebeu mais "Glogues" que o combinado. O código de conduta foi ruidosamente quebrado, e fomos topados e apanhados. No dia seguinte fomos parar ao Mendonça.

Eu tinha muita lata, mas o teu irmão além de lata tinha um paleio de longe maior que o meu, típico de locutor. Além disso estava absolutamente à vontade porque naquela altura e circunstância era apenas uma visita.

Ao fim de algum longo tempo em que defendemos a tese por todos os meios e paleios possíveis, o Mendonça percebeu que a nossa presença na casa de banho tinha motivos "Reconhecidamente Ponderosos", absolutamente alheios ao desrespeito pelas senhoras e pela nossa causa então libertou-nos.

Joaquim Seabra Marques Pires

6.

Nomes e épocas...

Grande Fernando

O Presidente da Academia anterior a mim foi Rui Alexandrino da Silva, depois de mim foi o Carlos Alberto Traguedo.

São ambos teus conhecidos, só de pensar nos acontecimentos em que estivemos envolvidos dão-me grandes saudades.

O Juiz no meu tempo era o Gustavo Saraiva. O Veterinário era o Couto Alves, o escrivão era o Trindade Peixoto.

Se tiveres à mão uma lista da sucessão ou da antecessão deve ser bastante interessante ver.

Joaquim Seabra Marques Pires

7.

Rebento do nosso Bambu transplantado para Moçambique...

Meu velho Dionísio

Os nomes que trazes ao de cima fazem-me arrepios.

Como tu e os nossos, fazem muito parte do meu passado e da nossa época.

Não é por acaso - quando me lembro de ti e deles não consigo deixar de sorrir.

Era um prazer ouvir-te lá pelo nosso Bambu, e noutros sítios, e hoje é um prazer ler-te na Sanzalangola, um sítio até há bem pouco totalmente desconhecido para mim.

Um rebento do nosso Bambu existe no meu jardim em Moçambique (Não foi vandalismo nem foram más intenções, foi só para assegurar continuidade).

Dos novos amigos e conhecidos locais ninguém percebe a razão do meu interesse e cuidado de aparência fanática e amalucada pelo bem-estar da planta.

O sino também ainda é o mesmo. Está velhinho... pensei que deveria rouba-lo (Sempre gostei dessa cena) repetir o que nos nossos tempos era um feito, e ainda mais uma vez.

E, no dia seguinte chamar-vos a todos junto ao Bambu e contar as peripécias do dia anterior.

E entretanto levá-lo para um museu que é só nosso, não vá aparecer por aí um modernizador que o troque por um dispositivo eléctrico e atire friamente fora o artefacto, em pecado mortal de ignorante e desconhecedor das tantas histórias e emoções que aquele sino mágico causou durante tantas e tantasavas e gerações de nossa malta.

Joaquim Seabra Marques Pires

8.

Seabra: o "Retornado Invertido" ... com ficha na C.I.A.?...

Esta história (Real e verdadeira) foi escrita e colocada neste fio na esperança que a nossa futura convivência e contacto na Sanzalangola se revivam e se mantenham.

Depois de muitos anos ausente em diversos países africanos voltaram finalmente a Luanda - Angola.

A minha vontade natural e imediata (Retornado invertido) foi fotografar os sítios de relevo da família e dos amigos para lhes enviar fotos, nessa altura em que fotografias eram ainda absolutamente proibidas.

Mas a vontade e a tentação de compartilhar satisfação com todos, sobrepunha os medos e as ilegalidades e assim fotografei o cemitério velho, presentemente a última morada de alguns dos meus familiares e de muitos dos meus amigos (Por coincidência situada em frente da nova Embaixada Americana). Fotografei a Casa de Saúde de Luanda onde alguns dos meus familiares e amigos dos meus filhos nasceram (Por coincidência ao lado da Embaixada Americana). Depois disso a uns bons metros adiante fotografei a a embaixada da China onde no passado viviam familiares meus e de seguida ali perto fui fotografar a casa da minha ex-sogra.

Embora a minha ex-sogra tenha sido sempre uma santa, sogras dão azar. Depois da terceira fotografia fiquei rodeado por numerosos guardas uniformizados que saíram a correr da casa e agressivamente me exigiram as máquinas e os rolos. Naturalmente que recusei. Primeiro ainda uso peças valiosas de museu, tal como Asashi e Canon (As digitais automáticas não exigem arte). Segundo porque estas coisas são caras e não se dão a qualquer pessoa. Terceiro sempre gostei de pessoas bem-educadas e com bons modos.

A razão da consequência do acto foi que na casa da minha ex-sogra morava agora o embaixador da América (Mais uma coincidência - esta foi mesmo mesmo do "Caraças")

Os guardas chamaram a policia e a segurança da embaixada por radio , aparecendo todos em força e de rompante em menos de 2 minutos. Tinhamos agora presentes 6 guardas, 10 policias com máquinas de costura AK, e mais 4 matulões seguranças da embaixada americana. (20 homens só para um)-

Não poderia nunca justificar o porquê das fotos tiradas às embaixadas e à residência .

Para me livrar de mais coincidências inocentes e de boa fé as quais jamais poderia justificar, expus o filme à luz do sol. Isso irritou mesmo muito alguns dos presentes, parecia que o mundo ia acabar. Fui assim parar à Embaixada americana, levado para dentro de um Bunker de betão armado no R/C, grande e forte com vidro grossíssimo, tudo à prova de bomba, enquanto todos os meus documentos eram lidos e copiados.

Na minha solidão no meio de tanta tropa e tanta artilharia, vi-me em antecipação acorrentado, uniforme laranja, olhos vendados, barba crescida, transportado para Guantanamo em Cuba. Mas muito afortunadamente e por uma outra coincidência descobri que no meu bilhete de identidade antigo e velhinho o endereço residencial que lá se encontrava era precisamente aquele o da minha sogra e onde agora morava agora o embaixador.

E acabei assim por ser solto e seguir a minha vida. Depois de mais uma aventura em África. Na embaixada foram muito polidos e educados comigo, e nunca fui ameaçado ou mal tratado, mas estou certo que nos ficheiros da CIA existe agora uma ficha com os meus dados todos, incluindo os meus 8 nomes.

Se um dia um atentado tiver lugar em Angola estarei nos ficheiros computadorizados como suspeito.

Mas como nunca estive em Cuba...

Um abraço.

BEM HAJAM -

QUE PENA NÃO PODER CONTAR ESTA À NOSSA MALTA LOGO NO DIA SEGUINTE NO BAMBU...

Joaquim Seabra Marques Pires

9.

Poema de Ana Paula Lavado

Malta

Este poema de Ana Paula Lavado foi-me enviado por um grande e velho nosso amigo. Sucede que me arrepiei.

Como sei o que muitos ou todos sentimos quando se fala de certas coisas, resolvi dividir convosco aquilo que gosto e deve ser dividido.

«Quando te disse
que era da terra selvagem
do vento azul
e das praias morenas...
do arco-iris das mil cores
do sol com fruta madura
e das madrugadas serenas...

das cubatas e musseques
das palmeiras com dendém
das picadas com poeira
da mandioca e fuba também...

das mangas e fruta pinha
do vermelho do café
dos maboques e tamarindos
dos cocos, do ai u'é...

das praças no chão estendidas
com missangas de mil cores

os panos do Congo e os kimonos
os aromas, os odores...

dos chinelos no chão quente
do andar descontraído
da cerveja ao fim de tarde
com o sol adormecido...

dos merenges e do batuque
dos muquixes e dos mupungos
dos imbondeiros e das gajajas
da macanha e dos maiungos.

da cana doce e do mamão
da papaia e do cajú...

tu sorriste e sussurraste
"Sou da mesma terra que tu!" »

Ana Paula Lavado

Um xi grande para todos

Joaquim Seabra Marques Pires

10. Expulsos dos Maristas e os bons polícias de Sá da Bandeira

Foi talvez em 1959 ou 60 quando eu vivi um ano ou dois na Pensão Angola , a antiga Pensão do Padre sita no jardim , lado oposto da Sé e do antigo dispensário perto da câmara municipal no Lubango. Tinha acabado de ser expulso dos Maristas por desavença, primeiro com o despenseiro dentro do internato, que fez queixa ao Irmão Celso (director), segundamente e já à procura de acomodação, fui apanhado de emboscada pelo filho do despenseiro, um sujeito bem maior e muito mais forte que o pai e que eu.

Meu companheiro de infortúnio, o legendário Hugo das Mulas, um outro refugiado dos Maristas, famoso entre outras coisas pelas suas historias e suas fugas, a primeira muito famosamente montado numa mula, do Tchivinguiro, mula que foi mais tarde devolvida. Mais duas vezes dos Maristas, que se queixaram à polícia tendo o Hugo sido finalmente capturado pela segunda vez no Lobito. Foi esta última fuga que lhe granjeou a expulsão.

O Hugo tinha a imaginação mais fértil que conheci ou encontrei, falando ou escrevendo inventava em minutos historias do arco-da-velha, com policias e ladrões, política, decretos governamentais, aventuras militares, romance, etc. Nessa minha altura de crise após a expulsão dos Maristas, eu não sabia o que ou como dizer ou justificar o acontecido ao meu pai em Luanda, e o Hugo das Mulas foi quem se prontificou a dividir a despesas dum quarto da Pensão Angola comigo e naturalmente que lhe fiquei muito grato por isso.

O ambiente de 1958 e 59 era bem diferente do dos anos anteriores, anos em que policialmente falando tínhamos no Lubango apenas mais ou menos quatro policias, sendo o Esteves, o Dionísio, o Birgulas (Ou Toto) e um outro cuja personalidade por não ter sido tão saliente não consigo lembrar-me bem do nome neste momento.

Diz a lenda Macongina ter sido esse outro quarto guarda da PSP a quem o famigerado Cabéças roubou o cassetete e a quem numa noite de colégio das madres depois duma tentativa lograda de interpelar a malta agarrou e fez beber uns bons 5 litros de Palhete, dos quais parte ficaram

bem visíveis a encarnado escuro escorridamente pelo seu dólmen de caqui amarelo abaixo. O Esteves não era para brincadeiras. Foi o primeiro polícia a dar-me uma cassetetada, num desses encontros Malta do Internato versus Malta do Tchivinguiro próximo do Hotel Metrópole. A malta do Tchivinguiro liderada pelo Cabêdo Machado, meteu-se no autocarro a cantar. Cá fora a malta do Internato a berrar. O Esteves polícia estava presente a tentar serenar os ânimos e entretanto o Torrinhã mais velho (Escola) passou-lhe a mão em sítio indevido e fui eu quem por sorte amparei a cassetetada dirigida à cabeça com um braço. (É um prazer pagar pelos amigos).

O Dionísio amigo, boa pessoa, maduro e respeitável, tinha duas filhas nossas colegas verdadeiramente atractivas. Foi o primeiro polícia a levar-me a Tribunal. Depois de nos ter visto dentro do colégio das mães e de termos fugido, fui tomado pelo chefe do grupo e localizado e quando o Juiz em tribunal me mandou pedir desculpa ao sr. Dionísio que ao ouvir-me sendo boa pessoa e sensível ficou emocionado e chorou: O Juiz para não mostrar qualquer emoção humana contagiosa com um berro ameaçou-me com 6 meses de cadeia e pôs toda a gente duma assentada fora do tribunal.

O Birgulas, esse não podia comigo nem com a minha motorizada (NSU) que nunca teve uma licença ou qualquer outra legalidade. Ele perseguia-me longamente no Chaveco dele pelas ruas do Lubango e, como não me conseguia nunca apanhar e eu me ria disso, atirava-me com o cassetete na esperança de me acertar (Atirou 3 vezes em alturas diferentes - todas com má pontaria).

Inevitavelmente que os tempos mudaram. Depois disso muitos mais polícias foram importados e colocados em todas as cidades. Excepto os 4 agentes da PSP citados tive sempre dificuldade em gostar de polícias, o que até hoje ainda perdura.

Eu e o Hugo das Mulas e mais uns cinco ou seis dos nossos, fomos todos a uma farra no Benfica (que saudades). Naturalmente que como sempre entramos à pato. O Hugo apanhou assistência, entusiasmado teve um ataque típico de imaginação romancista exteriorizante, contou algumas histórias e ao lhe perguntarem o que fazia agora que havia sido expulso do internato, declarou com um ar muito solene de prosápia que se dedicava ao contrabando de armas. Precisamente a coisa mais louca e menos oportuna para se dizer nos tempos que corriam.

Depois da farra cansados mas felizes dirigimo-nos para a Pensão Angola. Eis que nos aparece o famigerado Zé dos Calos a pedir guarida. De acordo com a nossa tradição e espírito de então, guarida não se negaria nunca a um colega, nem mesmo a dez , mesmo se por acaso aparecessem todos ao mesmo tempo .

O Zé dos Calos era do Namibe, famoso e carismático, um ex-Marista também, tinha talvez 2 metros ou mais, era magro, usava óculos grossos de aros negros e grandes, quando andava parecia cambaleiar do alto das suas pernas longas, arqueadas e finas. Tudo quanto dizia era de voz pausada e grave, com aspecto senhoril, intelectual e cariz político. Juntamos as camas de metal, a minha e a do Hugo, para o Zé dos Calos dormir no meio. O Zé dos Calos agora deitado tinha as longas pernas, com os seus longos grandes pés, sem os seus famosos sapatos mas ainda com as suas famosas meias tudo caricatamente no ar, cerca de 60 cm fora dos pés de ferro da cama.

Pelas 2 da manhã eis que alguém bate violentamente à porta do quarto chamando pelo meu nome. Espreito pela fresta, vejo o dono da Pensão com 6 polícias dos novos, todos de capacete de aço com estrelas de metal grosso prateado nos capacetes a reluzirem na pouca luz duma noite de luar. Com coletes com granadas penduradas, pistola e cassetete ao cinto e metralhadora ao peito. Em suma armados até aos dentes. Tendo eu por motivos naturais demorado muito a abertura da porta, a mesma foi empurrada de rompante e fui atirado com violência de volta para a cama onde por estar de cuecas me tapei.

Neste momento Hugo, Zé dos Calos (apesar das suas pernas de fora dos pés da cama) e eu estávamos todos tapados, só se viam os nossos olhos esbugalhados fora do lençol.

Uma revista rápida e abrupta tomou lugar. Um dos 6 polícias talvez o mais zeloso, descobriu o gatilho duma pistola de fulminantes numa gaveta da mesa. O Hugo confessou ser dele e o polícia disse glorioso e triunfante -Ah ah, encontrei!

Outro Ximba talvez o segundo mais zeloso, começou a ler a minha correspondência, eu escrevia-me na altura com uma moça chamada Cila, uma irmã do meu velho amigo Coelho de Moçamedes, e os polícias levaram essas cartas. Fui informado na altura da apreensão que as letras LA da palavra Cila lhes pareceram muito suspeitas.

Levaram também um grande baú que o Hugo das Mulas tinha, cheio das novelas e histórias imaginárias que ele compilara ao longo dos anos.

O Hugo foi solto depois de lidas e compreendidas as realidades e irrealidades das suas novelas contidas no baú apreendido (Eram muitas, demorou algum tempo a ler). Uma delas referia-se a um decreto em que a polícia dum país imaginário de que o Hugo seria o presidente ia ser aumentada e receber alojamento e fardas novas. Os polícias depois da soltura comentaram esta com alegria e riso, eu ouvi.

Durante a hospedagem o Hugo ficou em pé a maioria do tempo, com poucas oportunidades de visitar a casa de banho. Quando quase a adormecer tinha de responder a mais perguntas. Era no tempo do Cacimbo o Cambrikita que lhe distribuíram era pouco maior que um lenço. Depois disto o tempo passou.

O Hugo deve estar algures em Portugal, posso imaginar que a fumar o seu tradicional cachimbo com um chapéu tipo Sherlock Holmes. Como nessa altura gostava de fazer.

O Zé dos Calos foi para o estrangeiro, ouvi referências às suas actividades e discursos na rádio estrangeira e soube que mais tarde voltara para Angola.

Os polícias todos devem ter passado a reforma.

Eu fui expulso da pensão Angola por desavenças com o dono e voltei mais uma vez para o internato, mas agora com o Pai Portugal.

Nunca recebi de volta as cartas alegadamente suspeitas do LA. E fiquei por aqui e por ali no estrangeiro e agora em Angola para sentir saudades e para vos contar as recordações destes factos verídicos acontecidos no meu tempo na nossa saudosa Huíla onde tive o privilégio de estudar nos anos de 1957 a 1964 num dos melhores Liceus em África com a melhor malta do Mundo e em que as ideias políticas de cada um não conseguiram toldar as relações humanas nem o espírito de AMIZADE E LEALDADE que ainda hoje por ser forte existe, tem sido cultivado e vai prevalecer para sempre.

UM GRANDE XI PARA TODOS E BEM HAJAM
Ginga Malaia

Joaquim Seabra Marques Pires

11. A Turma A – 3º Ano – 1958/59

Tinita toma esta para matares saudades - o teu 3 Ano Turma A 1958/59

1. Albertina dos Anjos Lucas da Silva
2. Idalina de Magalhães
3. Ilda Vivalda Simões Curado
4. Leontina Áurea de Castro
5. Licínia Maria Pita de Campos
6. Lídia Maria Jorge

7. Lubélia Marques Rangel
8. Luísa Maria Liz Vaz Osório
9. Maria Antónia Rodrigues Figueira
10. Maria de Jesus das Dores Carvalho
11. Maria do Céu R. Marques Luís
12. Maria Iluisa Leitão Ferreira
13. Maria Isabel Neves de Almeida Viegas
14. Maria Leonilde Gomes de Figueiredo
15. Maria Leonor Henriques Gomes da Silva
16. Maria de Lourdes Pinto Ribeiro
17. Maria Luísa Bento Magalhães
18. Maria de Lourdes Simões P. de Oliveira
19. Maria Manuela Teles de Carvalho
20. Maria Margarida Simões Tello
21. Maria Paula Mourisca S. Pardo de Oliveira
22. Marieta Lima Vieira Rodrigues
23. Nancy de Jesus Domingues Tavares
24. Zélia do Rosário R.B. Mendonça
25. António Sérgio Duarte Pousada
26. Carlos Alberto da Silva Fonseca
27. Carlos Eugénio Gomes Jorge
28. Herculano Araújo da Silva
29. João José Arrobas Cardoso das Neves
30. José Augusto e Oliveira
31. José João Marreiros Chagas
32. Luís da Conceição Lobo Couto Alves
33. Pedro José Pinto Homem e Sousa
34. Vasco António Moreira Outeiro
35. José Manuel Gomes de Oliveira
36. Francisco Manuel Marreiros da S. Vieira
37. José Oliveira Martinho

Tenho de facto as turmas todas de 1958/59. Brevemente saem mais.
Uma grande prenda do meu grande amigo e companheiro
Orlando Wenceslau de Carvalho (Bacalhau)

Nao coloquei os resultados para não chocar as nossas vaidades.

Joaquim Seabra Marques Pires

12. Turma C – 4º ano – 1958/59

Grande Luís Manuel

Irmão e companheiro de luta, grande e verdadeiro amigo de gerações antepassadas. Desta vez toquei-te lá dentro e finalmente consegui que piasses...

O prometido é devido. As saudades são grandes e estou verdadeiramente ansioso por te ver.

Já se passaram 43 anos desde 1965 - a última vez que te vi, são mesmo muitos anos sem eu te pôr o olho em cima.

Maior de 2009, vou coordenar contigo se não apareceres vai cair-te em cima a terrível e temível maldição, a do Kimbando Chiriquata Samuendge - aquela em que o nosso pai vira gato...
Miauuu...

UM GRANDE ABRAÇO

Aqui vai outra Lista dos Cábulas de 1958/60 , 4. ano turma A - a turma das colegas mais famosas de todos os tempos - esta lista é especialmente para ti.

4 ANO TURMA C

1. Ana Maria de Palma Arvela Franco
2. Dória Maria Duarte
3. Elsa Maria Severina de Morais
4. Ilda António dos Santos Baptista
5. Maria Benvinda de Coentrão Mendonça
6. Maria Clara de Monteiro Pires
7. Maria da Conceição Peiroteo Gomes
8. Maria Eduarda Arrobas C.C. das Neves
9. Maria Esperança da Silva
10. Maria Fernanda Pereira Braga
11. Maria Helena Pinto Miranda
12. Maria Heraldia Dione Moita de Melo
13. Maria João Moreira Outeiro
14. Maria José Amante Presado
15. Maria Júlia Teles de Carvalho
16. Maria de Lourdes Ferreira
17. Maria Regina Peyroteo Gomes
18. Maria Teresa Fernandes
19. Teresa Victoria Raul
20. Alberto Fernandes da Silva Traguedo
21. Alexandre Alberto Mesquita de Miranda
22. Alfredo Carlos Portela Viegas
23. Carlos Alberto Oliveira S. Nunes
24. Carlos Alberto Trindade Peixoto
25. Carlos Eduardo Pinto Homem e Sousa
26. Luís Manuel Rodrigues da Silva
27. Mário Alberto Campos Rocha
28. Laura Maria de Campos Grima
29. Ana Pereira Mendes de Oliveira

Joaquim Seabra Marques Pires

13.

Turma B – 3º ano – 1958/59

Esta era o 3 B a minha (nossa) turma em 1958/59 -

Reler estes nomes traz-me grandes recordações e tremendas saudades e, muitas lembranças de momentos e de pessoas fantásticas e inesquecíveis, de verdadeiras amizades que perduraram até hoje e vão perdurar para sempre.

3ºANO B

1. António Augusto Vale Piçarra
2. António da Cunha Marques
3. António José Teixeira de Sousa
4. António Luís de Abreu Alves
5. Avelino Ramos Pereira
6. Carlos Alberto de Matos Roberto Ramos
7. Carlos Alberto Noronha de Velosa

8. Eduardo Custodio Vasques
9. Estêvão Cambissa de Seculanda
10. Eurico Araújo dos Santos Seca
11. Fernando Henriques do Nascimento Telles
12. Fernando Luís Rodrigues S. P. Silveira
13. Francisco António Geraldes de Matos
14. Gilberto Manuel Machado da Silva
15. Hélder Alexandre Abano Sampaio Nunes
16. Hélder Nunes Marques
17. João António Correia Santos
18. João Cláudio de Abreu Couceiro da Costa
19. João Veríssimo Abreu de Sousa
20. José Emídio de Guimarães Fernandes
21. Júlio Henriques Rodrigues
22. Luís Ernesto Vitoria de Faria
23. Manuel Augusto de Oliveira Fernandes
24. Manuel Carlos Carneiro Vicente
25. Manuel Ribeiro
26. Mário José Parente Ramos
27. Octávio Magalhães Borges Alexandrino
28. Orlando Adérito Pereira
29. Orlando Venceslau de Carvalho
30. Osvaldo Brunido Marques Luis
31. Rogério Torres Cerveira da Silva~
32. Victor José Fernandes
33. António José da Costa campos Grima
34. Fernando Emílio Amorim Pinto
35. Guilherme Alvares Abranches Pinto
36. Luis Manuel Ramos Gardete Correia
37. Joaquim Manuel de Melo Seabra de Azevedo Marques Pires
38. Reinaldo Urbano de Lima e Sousa

UM GRANDE XI PARA TODOS

Joaquim Seabra Marques Pires

14.

As diferenças do trabalhar dos motores do DKW e do SAAB

(MAIS UMA PARA MATAR OU PARA CAUSAR SAUDADES)

Nos nossos tempos havia muitos automóveis populares, mas dois tinham características inesquecíveis. Refiro-me aos SAAB de fabrico sueco e ao DKW de fabrico alemão. A similaridade maior entre os dois estava em terem ambos apenas 3 cilindros e motores a 2 tempos. E por isso provocavam um barulho ou som que se pode dizer agradável e bastante fácil de imitar.

Estávamos no 3º B numa aula de Geografia, a professora era a famigerada Dona Maria Alice Pais Dias da Cunha, famosa por ser alta e atractiva, opinião que a maioria da malta partilhava e comentava (naturalmente quando ela não estava a ouvir).

Dizia-se mesmo que quando se era chamado à lição alguns confrontados com o charme até perdiam a concentração. Razão (?) para fracos resultados (38 alunos 15 chumbadas, quase 50%).

O nosso velho amigo Júlio Henriques Rodrigues - de Caluquembe, companheiro de Internato dos Maristas , de mesa , e de turma de Liceu, conhecido pela sua maneira cómica e imitativa

que dava mesmo muito prazer em ouvir (Esperávamos mesmo pela altura própria depois das refeições só para ouvir dos últimos filmes), começou a imitar dentro da aula um DKW.

O som era baixo mas perfeito, e como se fazia de boca semicerrada, na aula ninguém notava quem de facto fazia tal ruído. Pensamos todos vir dos carros passando na rua fronteira ao Liceu.

A professora tinha alguém amigo com essa marca de carro, e sempre que intermitentemente o Júlio na aula imitava o barulho do DKW ela levantava-se da secretaria e dirigia-se para janela. Isso aconteceu algumas vezes ao ponto de se ter notado a causa e o efeito.

E como a malta não perdoa, ao fim de mais uns 30 minutos o número de DKWs dentro da aula aumentou, eram agora talvez mais de dezoito.

Alguns deles pelo ruído agora circulavam a alta velocidade. Com o entusiasmo progressivo um deles até apitou.

A gracinha tornou-se agora em pesadelo.

A professora não conseguindo distinguir quem estava a imitar carros, depois dum esforço genuíno mas nervoso para saber - sem resultados, zangadíssima ficou fora de si chamou o director de ciclo.

O director de ciclo era o nosso professor de Ciências Naturais Dr. Roberto de Matos. Individuo careca magro, aspecto energético e autoritário.

Nada de gozos com este senhor, ele dava chapadas repentinas e secas.

Em diversos episódios do género foi sempre ele quem foi chamado (Incluindo a historia do macaco babuíno que o Dadica trouxe como que por acaso para as aulas, o macaco n. 26 do 4B 1959/60).

O Matos fez um inquérito rápido in loco e depois das perguntas da praxe castigou uns poucos dos lados de onde vinha o barulho, que entre outros incluiu o Júlio e o meu grande amigo Eurico dos Santos Seca.

O Júlio (O iniciador) apenas apanhou uma chapada, foi ruado, saiu da sala a alta velocidade . O Seca quando foi interpelado disse convicto que não estava a imitar DKW nenhum.

Mais tarde por força da evidencia circunstancial constatou-se que de facto estava.

Quando perguntado porque havia dito inicialmente que não, apresentou as suas razões: Eu não estava a imitar DKW nenhum, o que eu estava a imitar era um SAAB.

Essa do DKW não fui eu.

Grandes Eurico e Júlio, meus bons velhos amigos e companheiros de tantas recordações, onde neste mundo posso encontrar-vos para vos lembrar destas e doutras.

Esta é uma das nossas muitas historias do 3ºB 1958/59
(MAIS UMA PARA MATAR OU PARA CAUSAR SAUDADES)

Joaquim Seabra Marques Pires

15.

O bom Padre Orlando e o seu Volkswagen preto...

Caros amigos Ze Luis, Joao Claudio , Luis Manuel, Dabriosa , Tinita e todos mais deste fio e dos outros:

Encontro-me neste preciso momento à beira do Indico num dia de sol quente a gozar a brisa fresca que vem dos lados de Madagáscar.

Não, não estou à sombra de nenhum coqueiro ou bananeira mas à sombra de um Cajueiro e

tenho sobre a mesa tosca feita de aduelas de barril (uma velharia - já não há disto em lado nenhum) além duma garrafa e de um copo, um computador portátil onde dedilho estas linhas.

Enquanto espero pelo almoço típico Moçambicano, vou pensando Maconge e divagando pelos momentos de felicidade e infinitas recordações do nosso tempo, saboreando devagar um tinto maduro importado do Alentejo no Puto, aí do outro lado do mundo.

Olhando para o cajueiro que neste momento me dá sombra, vem-me ao pensamento o Padre Orlando Ribeiro de Santana, nosso professor de Educação Moral e Cívica, homem gentil, educado, mesmo muito boa pessoa, um verdadeiro Cristão incapaz de fazer mal a ninguém ou de ser agressivo nem mesmo com uma mosca. Porém (e como é natural e justificado) era um nabo em mecânica auto.

Estas qualidades e a falta doutras punham-no infelizmente um tanto à mercê dos nossos mais endiabradas mafarricos dos quais tínhamos mesmo muitos.

Alcunhado de "Pirôco" (não faço ideia porquê), guiava um Volkswagen negro propriedade dos Passos do Bispo situados a caminho da Nossa Senhora do Monte. Era irmão ou primo do Bispo da Huíla daquela época que creio chamar-se Don Altino Ribeiro de Santana, o Soba do nosso grande e famoso Padre Geraldês.

Como posso justificar que aqui tão longe um cajueiro Moçambicano me faça lembrar dum professor de Educação Moral e Cívica de há 50 anos e do seu Volkswagen, tudo no outro lado do Continente, no Lubango? Bem, vai ser longo mas há uma razão para tudo.

De Norte a Sul de Moçambique, existem por todos os lados grandes quantidades de cajueiros. Árvores grandes e generosas que não exigem rega, nem muito cuidado e que dão ao mesmo tempo figos e castanhas. Além disso podem providenciar bebedeiras grandes e baratas aos incautos que como ao meu colaborador e amigo que neste momento cozinha para mim, que guardou e comeu os figos colhidos no dia seguinte e não conseguia distinguir o Norte do Sul nem erecto de deitado.

Em Angola também existem cajueiros mas apenas nos arredores de Luanda. Comparativamente pelo pequeno número de plantas existentes e área de plantio, concluo serem plantas importadas. Mas de onde e porquê?

Não sei as razões históricas ou influencias para haverem tantos cajueiros em Moçambique e muito menos em Angola, mas há razões e teorias para tudo (e quando não há inventam-se), posso assim especular que antigamente os funcionários públicos podiam ser transferidos de Angola para Moçambique e vice versa, e que alguém provavelmente transferido de Moçambique para Luanda, com as saudades naturais de casa plantou a Leste de Luanda esses cajueiros todos. Árvores ainda hoje arreigadas às recordações dos velhos Kalwandas como eu, um saudosista crónico que ate plantei um Bambu (descendente do nosso Liceu) no meu quintal em Moçambique só para me sentir mais em casa.

Ora antes de ficarem perdidos nas minhas dissertações saudosistas (ligeiramente inspiradas por Baco porque o almoco aqui demora sempre a ficar pronto), tenho que referir que em 1959 na ausência do Padre Orlando para as salas de aula, estando o seu carro estacionado perto do nosso saudoso Bambu, alguns dos nossos mafarricos tiraram-lhe os tampões colocaram lá dentro esferas metálicas.

O padre Orlando ao voltar entrou no carro e andou uns 18 metros e pelo barulho agreste que fazia parou. Incapaz de descobrir uma razão para o que parecia ser uma grande e ruidosa avaria assim continuou indo e parando a caminho dos passos.

Naturalmente que mais adiante pelo caminho pedi ajuda e os mesmos mafarricos que colocaram as esferas apareceram "prestimosos". Um abriu o capot da frente e disse logo que o problema é que tinham roubado o motor (Esses modelos tinham o motor atrás), outro prontificou-se a ir chamar um "bom" mecânico

Nos nossos tempos de Kalwandas quando um concerto de automóvel era barato, ou quando não era concerto fidedigno dizíamos por gozo que tinha sido arranjado por "Mecânico de Cajueiro" (Um sucateiro que nem sequer tinha garagem e por isso fazia biscates de debaixo da árvore). Essa expressão comum luandense propagou-se na altura por toda a Angola e foi até ao Lubango onde não haviam cajueiros.

E assim chamou-se um Mecânico de Cajueiro que depois de muito tempo de experiências e testes (A malta não aguentava mais de riso) e de ter dito ciosamente que o problema era de certeza os rolamentos estarem gripados, não conseguiu arranjar a misteriosa "grossa avaria", até que um de nós lhe disse ao ouvido qual era de facto o problema. A história foi tão caricata que ainda hoje se conta quando se reúnem mais que dois Maconginos. Depois desta, sobre o Padre Orlando e do seu Volkswagen há ainda a contar a das batatas mas essa fica para quando eu ai for e se vocês quiserem ouvir.

Bem hajam - Um grande abraço deste vosso velho Macongino amigo

Joaquim Seabra Marques Pires

16.

Pergunta Eduardo Homem: o presente tem algum sentido sem o passado!?

Descobri a afinidade que me liga ao Seabra Marques Pires. É a nostalgia, a teimosia de manter o passado vivo, perpetuando-o em mil e uma histórias. Muitas vezes, penso para comigo -" não vivas tanto no Passado, porque já passou; o que interessa é o presente e, se te agarras ao passado, deixas de viver o presente." Mas eu pergunto: o presente tem algum sentido sem o passado!? O que é que dá sentido ao presente senão o passado?

Por isso, mano Joaquim, continua com as tuas histórias. Elas iluminam um presente que nunca é como desejávamos. E que nos parece sempre tão pobre, quando o comparamos com o nosso passado.

Será que fomos assim tão felizes? Tão livres? Fomos sim, quanto mais não fosse porque nem sabíamos que o éramos.

E, afinal, nunca houve uma família tão grande como a nossa. Enchia um liceu, uma cidade, e hoje está espalhada por todo o mundo. Que um dos nossos irmãos guarde essa memória. E até proponho que seja posta em livro. Como é que ninguém se lembrou disto? Ou será que estas histórias só interessam a nós que as vivemos?

Eduardo Homem

17.

Relação completa de todo o corpo docente e de funcionários do Liceu "Diogo Cão" no ano lectivo 1958/1959

Direcção:

Secretaria:

Telmo Martins de Mendonça - Chefe de Secretaria

José Vieira de Almeida - 2º Oficial

Joaquim dos Santos Espinha - Aspirante

Professores

a) Professores Efectivos:

Dr. Manuel Higinio Vieira - Director de Ciclo

Dr. Jose Augusto Bettencourt Coelho - 1º Grupo

Dr.^a Margarida Adelaide Pinto - 2^o Grupo
Dr.^a Maria Helena Pitté Arez - 3^o Grupo Directora do 3^o Ciclo
Dr.^a Maria da Luz da Silva Pereira - 3^o Grupo Directora da Biblioteca
Dr. Fernando Falcão Machado - 5^o Grupo. Reitor. Director do gabinete de Geografia
Dr. Manuel Roberto de Matos- 6^o Grupo . Director do 2^o Ciclo, Dirigia o gabinete de Geografia.
Dr. Leandro Gomes de Mendonça - 7^o Grupo, Vice Reitor. Dirigia o Gabinete de Ciências Físico Químicas
Dr.^a Maria Augusta da Piedade Castel-Branco Vieira - 8^o Crupo

b) Professores Contratados

Dr.^a Maria da Soledade da Cunha Galvão - 2^o Grupo
Dr. Vasco Manuel de Azevedo Coutinho- 8^o Grupo, Secretario do Liceu e Director da Caixa Escolar
Dr.^a Maria Celeste de Sousa Ferreira -9^o Grupo . Directora do Gabinete de Desenho e Trabalhos Manuais
D. Dilma Blanc Nogueira Vilas Boas de Almeida Abreu -Canto Coral
D. Luisa Amzélia Vitoria Pereira Seia -Lavores Femeninos

c) Professôres Eventuais

D. Zélia Maria Gomes Rodrigues Fernandes - 2^o Grupo
D. Maria Olímpia Carneiro Portela - 2^o Grupo
D. Maria Eugenia Andrade Nery Teixeira - 4^o Grupo D. Maria Alice Pais Dias Antunes da Cunha -5^o Grupo
Dr.^a Maria Cornélia Tenreiro Teles Grilo - 6^o Grupo
D. Maria do Céu Carvalho Pires de Sousa Gomes - 6^o Grupo
D. Maria Gabriela da Costa Tavares -7^o Grupo
Eng. Carlos Wenceslau Frazão Sardinha - 9^o Grupo
D. Maria de Miranda Lemos Lopes da Silva Carvalho - 9^o Grupo
D. Maria Luisa Cerveira Baptista -Educação Física
Aristides Augusto Loureiro - Educação Física

Pessoal Menor

José dos Santos Martins Continuo de 1^a Classe (Chefe de pessoal menor)
João Miguel Dias Continuo de 1^a Classe
Juliana Rodrigues- Contínua de 1^a Classe (último ano de serviço) Leontina Helena Santa Rita de Castro - Contínua de 1^a Classe
Lina da Conceição Giestas - Contínua de 2^a Classe
José Ferreira - Carpinteiro Marceneiro

Pessoal de Laboratório

Venancio de Jesus Martins

Serventes

Joaquim Fortuna
Nicolau Manecapunda
Francisco Canivete
Manuel Correia
Francisco Silva José Augusto

SE POR ACASO COMETI ALGUM LAPSO, QUEIRAM INFORMAR QUE EU MUDO.

UM GRANDE ABRAÇO

Joaquim Seabra Marques Pires

18.

Em 1961: - a história dos burros, do embaixador do Brasil e dos dois valores extra nas notas finais...

O tempo tem passado e como é natural no nosso companheirismo saudosista tenho curtido saudades de muitos e outras tantas de certos velhos amigos que na vastidão deste mundo e do tempo ainda não consegui localizar. Um deles crendo eu estar lá pelo Brasil é o meu/ nosso contemporâneo Luís Couto Alves.

A família do Couto Alves vivia no Bairro da Laje junto à Escola Comercial, a Mãe dele (por sinal muito boa senhora) ainda hoje provavelmente não me deve gramar nem um bocadinho nem me deve ter perdoado por motivos específicos a que me referirei mais abaixo no fim desta narração..

Não creio ser preciso lembrar que em 1961 houve acontecimentos internos importantes em Angola, reportados nos cabeçalhos de todos os jornais do Mundo. Nesse ambiente o embaixador Negrão de Lima, uma personagem brasileira, bastante simpática e muito bem-falante esteve em Angola a mando do Governo Brasileiro para se aperceber do que se estaria de facto a passar e visitou outras cidades e também o Lubango.

Como era da praxe a malta do liceu viu nessa visita do Negrão de Lima a oportunidade de efectuar uma manifestação de boas vindas com a finalidade de obter uma borla, mais objectivamente conseguir-se que não houvessem aulas no dia seguinte. Ficou assim uma Manifestação de boas vindas estudantis ao embaixador do Brasil marcada pela malta para a noite seguinte.

Era nestes tempos Governador da Huíla o Inspector Hortênsio Estêvão de Sousa. No largo onde normalmente a malta se juntava, havia uma grande estátua em bronze dum antigo militar Português, para quem não se lembrar da estátua chamava-se Artur de Paiva, por acaso era um antepassado dum nosso colega estudante muito conhecido naqueles tempos, o ilustre "Eddie". A mesma estátua na qual por graça irreverente dos nossos malandros habituais foi pendurada no braço esquerdo como que levado pela asa, um garrafão de 5 litros (Palhete tinto com capacete) e ainda um letreiro com letras bem grandes e legíveis e significativas - "Eu só bebo disto". (Dizem as más línguas que quem ajudou a colocar o garrafão e o letreiro foi o próprio neto do personagem, ou seja o Eddie.)

Antes da manifestação eu e o Luís Couto Alves estávamos amenamente em conversa no Bambu e referi-me por acaso que seria caricato se fôssemos à manifestação montados em burros. (Como habitualmente entre a nossa malta se um dissesse mata o outro diria logo esfola). Depois duma grande risada dos presentes o Couto Alves como sempre pronto a colaborar com detalhes disse logo de imediato onde podíamos ir arranjar burros.

Assim partimos para a quinta da família Coimbra sita quem vai para a Senhora do Monte no lado direito depois do bispado, logo antes duma outra estátua essa sobre a escravatura. Sabíamos que o pior que nos podia acontecer seria apanharmos um não... e voltarmos exactamente como tínhamos ido , a pé. Por acaso quem lá estava foi a nossa ilustre colega Ernestina Coimbra e ela deu logo o almejado Sim.

Há touradas com garraios "à la Tchivinguiro", e touradas com burros "à la Diogo Cão". Na quinta dos Coimbras para agarrarmos os tais burros foi uma verdadeira tourada, mas a nossa determinação, tempo e esforço venceram. Eu escolhi para mim o burro maior que por lá havia (Sendo grande, aparte as orelhas e a cor

pareceria um cavalo) o Couto Alves ficou com um outro burro que por qualquer razão então desconhecida corria sempre juntamente com o meu, portanto era mais fácil de agarrar. As nossas escolhas revelaram-se complexas. O burro maior era macho, obstinado por sexo só andava numa direcção, atrás da burra. O burro mais pequeno era fêmea o que não teria nada de problemático nem de extraordinário se a mesma não estivesse com o cio. Passei assim da posição de líder para a de seguidor porque o meu burro se recusava a perder de vista a sua amada e não a ultrapassava nem mesmo com "porrada da grossa". Durante toda a jornada tive de seguir o Couto Alves em todas as direcções e pedir para virar para o lado desejado...

Naturalmente que levamos primeiro os burros ao liceu, e que passamos em frente das aulas, pela malta que fora das janelas ria e aplaudia e nos incitava. Não vou contar aqui os detalhes naturais das circunstâncias, mas tenho a dizer que na presença de colegas, professores e mais tarde durante a manifestação ao embaixador, os burros foram muito convenientes e portaram-se mesmo muito bem, sem bolas amarelo esverdeadas, sem demonstrações amorosas, sem zurros de simpatia ou desacordo quando o embaixador ou el governador botaran la palabra. Talvez quisessem ouvir concentradamente o que o Negrão de Lima tinha para dizer, num discurso que foi diplomaticamente muito convenientemente em que se deu uma no cravo outra na ferradura para decepção do Hortênsio e VIPs presentes.

Entretanto antes disso a caminho da manifestação, cansados da tourada ou da burricada, já na cidade soubemos que o Negrão de Lima tinha adiado a visita e a manifestação fora igualmente adiada.

Não sabíamos o que fazer com os burros. Aí o Couto Alves deu outra ideia brilhante. "Como tu não podes levar os burros para a pensão fico com os dois no meu quintal" , fecho o portão e eles não fogem -E assim foi..

Era uma vez um belo Jardim cheio de flores e bem cuidado, um orgulho para a dona. Jardim que a presença longa dos jumentos até a o dia da manifestação, estrumou bem mas em contrapartida lhe comeram flores e tudo mais quanto verde puderam encontrar - porque a fome não perdoa.

Dai a razão da Mãe do Couto Alves justificadamente ter ficado muito sentida comigo (Não sei se o Couto Alves entretanto lhe teria dito algo a meu favor).

Para finalizar tenho a dizer que conseguimos a almejada borla.

Como todos tínhamos um sentido objectivo de oportunidade para o bem geral, aproveitou-se o ensejo para se pedirem ainda mais dois valores extra nas notas escolares de fim do ano e nos exames, pois alegadamente com a situação em Angola " era psicologicamente muito difícil para nós estudarmos ou nos concentrarmos" (Que grande lata).

O primeiro pedido foi logo acedido. O segundo não o foi de imediato, mas mais tarde antes do fim do ano lectivo também se realizou.

Muita da nossa malta e da outra em toda a Angola passou graças a este "Milagre Macongino".

Acabo de vos narrar factos verídicos dos nossos tempos, parte das minhas recordações e saudades preciosas de quem como eu teve o privilégio de ser Macongino (ter estudado na Huíla) e de ser mesmo do meu tempo.

Os dois burros embora tenham dado o seu esforço e contributo e tivessem também direito ao Milagre, não beneficiaram nem passaram. Foram burros porque nunca se matricularam no Diogo Cão (ou em qualquer outro estabelecimento de ensino da Huíla) assim hoje poderiam ser mais mulas ou cavalos...

E para não ficar a ser demais com estes meus ataques de saudades e narrações vou dar-vos descanso por uns tempos.

Joaquim Seabra Marques Pires

19.

A estátua de Artur de Paiva com garrafão de 5 litros (palhete tinto de capacete)

Grande Eduardo meu irmão.

Obrigado, por leres pacientemente o que escrevo e comentares, pelo acerto de agulhas e por estares lá como eu naqueles tempos.

De meio século passado ficaram apenas as recordações, que ao serem recontadas podem tender para novas versões, dependendo de quem, viveu, quem conta, quem ouve, quem comenta e quem propaga.

O episódio do coronel e do garrafão foi uma referência passageira, mera assimilação coincidental com o local da manifestação. Não foi simultâneo com o da visita do Negrão de Lima. Por acaso fui eu quem ajudou a arranjar (e a esvaziar) o garrafão. Que eu saiba no nosso tempo só houve um episódio da estátua e do garrafão, o teu e o meu.

A referência ao neto do Coronel foi efectuada pelo Bacalhau (Que também lá estava) , num jantar recente da malta em Luanda, em que se riu e se bebeu à saúde da 500ª vez da recontagem desse mesmo episódio, dessa feita por um terceiro mais novo, muito dos nossos, mas que não era bem do nosso tempo , que por acaso deu uma versão bastante aproximada...

O Hortênsio de Sousa foi Governador em 1958/59 e talvez em parte dos 60. Entre ele e o Castanheira (que ainda lá estava em 1964) pode ter havido um outro do qual eu não me lembro, mas que esteve presente na manifestação ao Negrão de Lima. Devia de ter-me referido apenas ao governador para ter sido mais assertivo e correcto.

Na minha cronologia que pode estar afectada pelos 50 anos passados (meio século), cacimbadas, distâncias, malária, bilargiose, Gin Tónico mas nunca e jamais pelo "Caruncho" (ou mais à nossa maneira pelo "Salalé")... em 1961 creio que estavas comigo em Moçâmedes, num célebre acampamento da MP, do qual podemos ainda contar numerosas histórias. Mas isso pode também ter agora sem eu notar a diferença de um ano de avanço ou um ano de atraso.

Um Governador de Distrito não tinha patente nem craveira para passar decretos, porém tinha acesso e poder de comunicação. Estás portanto correcto que o Santo Milagreiro que passou o tal decreto dos dois valores só podia ter sido o ministro do ultramar.

Porém foi nessa altura da manifestação que nasceu a semente da ideia dum bónus em valores aos pobres "stressados" estudantes e se começou a falar e a pedir por isso antes do decreto ser emitido.

Um Ministro do Ultramar no Terreiro do Passo ao comando de tantos territórios em tantas partes distantes do Mundo, não se lembraria nunca por si próprio de dar um bónus como tal à malta estudantil aqui longe no Algarve Angolano sem que ninguém lhe tivesse, falado pedido ou sugerido.

Essa sugestão partiu dos interessados, a estudantada organizada, com lata, iniciativa , sentido de oportunidade e com um canal de comunicação.

Não precisamos de enfatuar quem foram os iniciadores nem quem passou a mensagem. Que o mérito seja dado a quem de direito, o decreto foi do ministro, mas a ideia e iniciativa foi nossa.

EU POR ACASO CONFESSO QUE TAMBÉM BENEFICIEI DO TAL BONUS (ANDAVA MESMO MUITO "STRESSADO") E FIQUEI MUITO GRATO PELA INICIATIVA, E PELA CONCRETIZAÇÃO.

Um grande abraço e obrigado por seres meu amigo e estares na minha vida.

Joaquim Seabra Marques Pires

20.

O Austin A 40 azul da professora Zélia

Hoje resolvi entrar na saudade! Vejo com satisfação que o Seabra começa a deixar de estar sozinho, apareceu o Eduardo que sendo mais da minha idade se lembrará melhor esta figura típica da história que hoje vos conto, até porque fomos todos colegas de turma.

Quem se lembra da figura típica do Alfredo Viegas, ou Alfredinho ou ainda Vieguinhas? Alfredo Carlos Portela Viegas de seu nome distinguiu-se sem dúvida alguma como uma das figuras mais reguila da malta mais reguila da malta do Diogo Cão! Estatura pequena em relação à da sua idade, já todos usávamos calças compridas no Liceu e ele ainda andava de calções, todos tínhamos chitas (bicicletas) roda 26 e ele ainda tinha uma roda 24), ele era o líder por natureza do grupo que mais o acompanhava do qual eu fazia parte. Inteligente como era, o Vieguinhas como era mais conhecido entre a malta, tinha o dom de chefiar o gang e sair sempre das confusões como o menino exemplar. Era ele que comandava as tropas daquele grupo de pequenos desordeiros, homens de amanhã, como rezava o nosso Hino do Liceu. Tal como nas noites de ceia, também no dia-a-dia o gang actuava sob a sua imaginação prodigiosa em organizar as patifarias e sair-se sempre bem. O Alfredinho estava em todas.

Lembram-se da carrinha da D. Zélia, professora de História?

Era uma AUSTIN A40 azul com os guarda-lamas pretos, lembram-se?

No final das aulas, por hábito, a malta apanhava boleia na denominada carrinha da Zélia e lá ia a maralha toda empoleirada na carroçaria da AUSTIN, picadeiro abaixo a divertir-se à brava atirando grãos de milho (a dita carrinha fazia às vezes carregamentos de milho de uma fazenda familiar) às miúdas que a pé, desciam a avenida a caminho de casa após as aulas. Um certo dia à saída das aulas da manhã o Vieguinhas lembra-se de fazer uma partida à D.Zélia, bolando um plano que como sempre, o fizesse sair da história como o rapaz inteligente tal era o dom que possuía para tal. Nesse dia, havendo borla à última aula da manhã, permitiu-lhe pôr o plano em marcha! Sendo assim, estando a carrinha estacionada um pouco fora das vistas, da parte de trás do edifício do Liceu perto da saída para ao campo de futebol, foi canja abrir o capô e desligar os fios do distribuidor do motor.

Acabadas as aulas, a malta toda montada na AUSTIN para a boleia habitual, e a AUSTIN nega-se pura e simplesmente a pegar, apesar das várias insistências da condutora, a D. Zélia!

Estando a bateria já a fraquejar, eis que surge o salvador da Pátria que como não podia deixar de ser, era nem mais nem menos que o nosso Vieguinhas!

- Ó D. Zélia, não insista, não insista! Abra lá o capôt que eu vou ver se resolvo o problema diz ele com uma grande lata.

Claro que o problema foi fácilimo de resolver bastando para isso voltar a ligar os fios do distribuidor!

- Dê lá ao arranque agora D. Zélia!

E eis que o milagre acontece e a velha AUSTIN pega logo à primeira!

- Oh Alfredinho diz a D. Zélia, tu és mesmo um rapaz esperto vê lá o jeito que tens para estas coisas!

Foi a gargalhada geral!

Mais uma vez o Vieguinhas saia como o herói da história!

Beijinhos e abraços,

Ginga Malaia

Luís Manuel Silva

21.

Mais turmas do ano de 1958/59 - 4º B

1. Alberto Correia de Freitas
2. António Augustio Branco Castilho
3. António dos Santos Morais
4. Artur Baltazar Rodrigues B.M. Luis
5. Carlos Manuel de Paiva da C. Neves
6. Domingos Fernandes de Sousa
7. Eduardo Almeida Neves de Morais
8. Fenando Emilio de Campos Sabrosa
9. Francisco Artur Marques de Magalhães
10. Guilherme Tavares da Silva
11. Gustavo Daniel de Sousa Saraiva
12. Helge Hebert Petersen
13. Horácio van Dunem de Andrade
14. Humberto Augusto de Castro Seixas
15. Joaquim da Silva Magalhães
16. José Jorge Gonçalves Cobanco
17. José Luis de Oliveira Evangelista
18. Luis Alberto Santos Banazol
19. Manuel da Cruz Almeida
20. Manuel Joao Piedade da Silva
21. Olimpio António Alegre Pinto
22. Renato José de Castro Sousa
23. Sérgio Peres da Silva
24. Timóteo Alves Gouveia
25. Walter Oliveira Baptista
26. António Norberto Teixeira Monteiro
27. Isolino Gomes Vieira da Cruz
28. António Manuel Vale de Prados C. da Silva
29. Álvaro Gomes dos Santos Pereira

Ao escrever estes nomes, não posso evitar uma corrente forte de recordações, de lembranças e saudades.

E SORRISOS DE PRAZER (OU DE CUMPLICIDADE)

Um Grande Abraço malta do Antigo 4. B

Outro Grande para todos, sobretudo de quem se lembre desta malta que deixou no nosso tempo muitíssimas recordações.

Ginga Malaia

Joaquim Seabra Marques Pires

22.

VIVA O PADRE ORLANDO. VIVAAA

Continuando na nossa romagem da saudade. Não se precisava de passar a exame na disciplina de Educação Moral e Cívica, era apenas uma disciplina de comparência obrigatória e por isso naqueles tempos quem tivesse mais de 3 faltas por ano a essa disciplina de Educação Moral e Cívica, sem dúvidas e sem qualquer alternativa chumbava o ano lectivo.

Muitos de nós passávamos bastante tempo a pensar e a elaborar antecipadamente perguntas e argumentos a que o padre Orlando não pudesse ou tivesse muita dificuldade em responder durante as suas aulas. Eu era um especialista nessa habilidade.

Eu tinha tido 3 faltas a essa disciplina já desde o inicio do ano lectivo. Na beira do abismo de

cada vez que o Padre Orlando me dava a 4ª falta (disciplinar), eu ficava tecnicamente chumbado. E assim durante o ano lectivo chumbei tecnicamente umas 5 vezes, porque a cena de arriscar apanhar faltas disciplinares era frequente. A malta da minha turma, como vocês bem sabem e conhecem bem era muito fixe, bem amiga e bem conhecedora do meu problema e das possíveis consequências, e quando eu estava nas referidas circunstâncias, à hora da aula estar quase a terminar moviam e faziam barreira com as carteiras de madeira grossa nas alas de passagem e em frente à porta de saída da turma, por vezes chegaram ao ponto de empilhar duas carteiras ao alto junto à porta, apenas para não permitir o padre Orlando sair deixando-me para trás chumbado por faltas.

A malta começava então num coro geral, gritante e repetitivo "Tira... Tira... Tira...Tira a Falta!!! Tira... Tira... Tira...Tira a Falta!!! E isto continuava até a minha 4ª falta disciplinar ser perdoada e cancelada. Só então o Padre Orlando podia sair da turma .

Um bom Cristão mesmo que não se esqueça do caso, perdoa sempre. A malta após o acto do meu perdão aplaudia e dava vivas ao padre, e por duas das vezes alguns chegaram ao ponto de com o entusiasmo desejaram levar o professor ao alto do grupo como se fosse o herói desportivo do momento. Viva o Padre Orlando. Viva. Viva o Padre Orlando. Viva.

(Nestas fases finais e decisivas eu pedia muito à malta para ninguém por engano, malícia ou falta de controle, dar vivas ao "Piroco" porque assim o caldo ficaria entornado e o tiro sairia pela culatra).-

Esta partes dos vivas era visivelmente do agrado do Padre Orlando. Porque lhe provocavam um sorriso.

Entretanto a malta das outras turmas já cá fora no recreio pensava que nós de facto adorávamos e tínhamos verdadeiro entusiasmo pelas aulas de Educação Moral e Cívica. Porque no fim até dávamos vivas ao Professor.

Não me vejam ou me tomem como um ateu ou um blasfemo, na verdade sou bastante crente.

Os tempos passaram e eu não era mau... (era pior). Mas de lá até aqui mudei mesmo, mas muitíssimo muito. Os meus filhos que viveram muitos anos no estrangeiro e ainda não lêem Português, podem portanto seguir o que NAO diria o Padre Geraldês (Um outro herói dos nossos tempos), Façam o que eu digo e não façam o que eu faço.

VIVA O PADRE ORLANDO. VIVAAA

Joaquim Seabra Marques Pires

23.

O pobre do Caneco... aturar personagens como Sanona, Castilho, Timóteo, manos Pimentel Teixeira, Sabrosa...

O padre Orlando, tão bem recordado pelo mano Seabra, traz-me à memória o seu equivalente fraseológico e comportamental, o inesquecível Caneco, cujo nome verdadeiro não me ocorre. O Seabra já aqui contou o episódio do tubarão, ocorrido em Moçâmedes, no célebre acampamento da Mocidade e eu nunca mais esquecerei as tribulações do Caneco com o 5º B, turma a que tive a honra de pertencer. Basta referir alguns dos personagens que integraram tal turma, para se avaliar a dimensão dos trabalhos do pobre professor. Sanona, Castilho, Timóteo, manos Pimentel Teixeira, Sabrosa... A bandalheira chegou ao ponto em que, antes da aula começar, um daqueles figurões fazia um discurso à malta, do estrado do professor, apelando para a boa vontade da malta em deixar o professor dar a sua aula. O pobre do Caneco, de pé, assistia pacientemente à prelecção, com uma expressão de gratidão verdadeiramente comovente. Um dia, durante um ponto, aconteceu algo verdadeiramente impensável. Cinco minutos antes de tocar, abre-se a porta da sala de aula e entram de roldão mais de 20 galfarros, que imediatamente rodearam o professor. No meio da confusão, vários deles distribuíram pontos feitos lá fora, cujo questionário tinha sido previamente passado para o

exterior da sala, no início da aula.
A ingenuidade (e boa índole) dos indianos eram propícias às nossas travessuras e malfeitorias.

Eduardo Homem

24.

Macaco Macongino, agora conhecido na História como o aluno n. 26 do 4.B. 1959/60.

Grande Eduardo

O nome dele era Mário Silva, a pessoa e os factos eram na verdade exactamente como descreves.

Era Eng. Geólogo e por acaso tinha um certo valor, o qual a malta que não perdoava nunca, ou jamais reconheceu.

De passagem diga-se que foi a primeira pessoa a encontrar Urânio em Angola e que foi galardoada por isso.

Relatei anteriormente aqui na Sanzala a do Macaco Babuíno, um macaco grande e adulto que o Dadica trouxe uma vez para as aulas (ficou assim nosso colega, ainda se aguarda julgamento) e que foi levado à aula do dito Eng. Silva .

O primeiro Macaco Macongino, agora conhecido na História como o aluno n. 26 do 4.B. 1959/60.

Breve relatarei uma dele (Não, não do Macaco... do professor) sobre pontos de exame (Com perguntas dirigidas à inteligência) e sobre o Hotel Metrópole onde tu viveste.

História essa passada numa turma em que fui colega dentre outros muitos do Traguedo, Bacalhau, Luís Manuel, Avelino, Peixoto, Parente Ramos, Saraiva e Castro Alves mais novo, etc.

Grande Fernando

Sobre o cognome do meu Avô , grande marca de família , nunca farei comentários (Porque não falta por ai quem faça).

Se eu falasse muito disso sua Majestade o Vice Rei para gáudio dos plebeus, em vez de do Rio Capitão nomeava-me Visconde da Marreta.

Ai por razões óbvias poderia haver um certo orgulho mas já o título não me podia subir à cabeça.

Ainda não te contei a História do Sérgio Peres (Teu irmão), do Despertador e da Professora Água Lusa. Bem essa vem mais tarde.

Para vocês dois Eduardo e Fernando e também para o nossa malta de todos os tempos. Um grande e forte abraço deste vosso leal amigo que vos tem para sempre nas suas lembranças e sua saudade.

BEM HAJAM
GINGA MALAIA

Joaquim Seabra Marques Pires

25.

Ainda sobre o Padre Orlando:

Hê malta do 4º ano A! Quem se lembra de uma certa tarde em que uns mândios (acho que o

Vieguinhas incluído) se apresentaram na aula de Moral de guarda-chuvas em punho e os abriram sentados na 1ª fila?

É que o Padre Orlando, tinha o hábito dar a aula em pé em frente à secretária e ao falar mandava constantemente uns perdigotos que por vezes atingiam a malta da 1ª fila!

Coitado do bom Padre Orlando, como o Seabra conta as consequências não passavam de um sorriso!

Ginga malaia

Luis Manuel

26.

A verdadeira versão do Avô “Marreta”

D. Seabra Marques Pires,
Mui Ilustre Visconde do Rio Capitão!

Pois, pois... essa do cognome atribuído ao teu Digníssimo Avó «Marreta», já tinha ouvido falar da sua fama desde os primórdios...

Mas, é sempre bom ler da pena de um dos seus legítimos representantes a sua versão.

E, já agora: essa de Visconde da Marreta não te ficava mal, oh, Seabra Marques Pires.

Gostava de ouvir essa história do meu primo Sérgio, posso imaginar o que vem por aí... Nas tertúlias que costumamos ter nos Reais Paços de Maconge - quando o maralhal se junta de quando em vez - é um pagode recordar essas passagens pelos cabulações liceais.

Saudações Maconginas.

Ginga Malaia.

Fernando Peres

27.

Falcão Machado – o “sherlock Holmes” do Liceu

Luis Manuel: juro que não estou a inventar. Um dia, numa aula de Geografia do 5º B - uma das primeiras aulas da jovem e bonita professora Maria do Céu - estava ela a escrever no quadro, de costas para a aula, quando um dos nossos colegas veteranos, sentado ao fundo da sala, decide testar a pontaria e baptizar a professora calóira. Agarra num sapato keds, de ginástica, e atira-o com força contra o quadro. O estrondo foi enorme. O sapato bateu a 2 palmos da cara da Maria do Céu. Ela volta-se para nós, a tremer e quase a chorar e sai porta fora direita à Reitoria. Cinco minutos depois, entram na sala a Maria do Céu e o Falcão Machado. Este, com ar solene, mandou-nos abrir os cadernos diários e escrever o que ia ditar. A drª Maria do Céu estava de pé, junto à secretária, com ar muito digno. Primeira frase do reitor: "Caryl Chessman vai ser executado." O esforço que fizemos para não desatar à gargalhada foi notório. A Maria do Céu deveria estar tão perplexa como nós. Seguiu-se um questionário que o Falcão Machado porventura considerava capaz de lhe fornecer pistas para a descoberta do "criminoso". Escritas as perguntas, o Falcão Machado mandou-nos responder. Hoje, penso que este nosso saudoso reitor foi o primeiro verdadeiro Inspector Clouseau. Depois de todos os alunos terem respondido por escrito, o reitor recolheu os cadernos e avisou-nos que daí a duas semanas voltaria com os cadernos e com a revelação do nome do atirador do keds.

Chessman, o bandido da lanterna vermelha, foi executado no dia 2 de Maio de 1960, segundo o

Google. Esta cena deve ter ocorrido na véspera ou ante-véspera. Ora, Luís Manuel, se nós fomos colegas no 1º ano, no ano lectivo de 1955-56, bate certo. Em Maio de 1960, frequentávamos o 5º ano.

Eduardo Homem

28.

O Código de Honra, Mendonça das Forças e a permanente "buba" do Fortuna

Nos nossos tempos tínhamos todos um código de conduta tácito e obrigatório, o qual todos impúnhamos, seguíamos e honrávamos mas que na verdade nunca ficou escrito.

Primeiro - Nunca sejas apanhado (Se fores não fujas e aguenta o barco como um Homem).
Segundo - Nunca Acuses ou denúncies um colega.

Terceiro - Quando um colega for injustamente acusado ou castigado, se foste tu o culpado apresenta-te.).

Quarto Nunca roubes nada a ninguém (excepto e por Graça vinho e fruta dos pomares)

Quinto - Ajuda sempre e da melhor forma qualquer colega que esteja em trabalhos.

Sexto - Nunca mintas ou metas água a não ser para praxar ou salvar a malta ou o nosso código.

(Existem mais pontos a acrescentar. Aos que ao longo dos anos viveram o Nosso Espírito agradeço que me ajudem a compilar.)

O meu primeiro contacto com o legendário Mendonça das Forças foi no meu 3.º ano B onde ele ministrou Físico Químicas.

O meu sentimento acerca desse professor era uma mistura de curiosidade, medo e afabilidade.

O medo vocês sabem que não preciso justificar, mas a curiosidade e afabilidade devia-se a ter eu ouvido muito do Mendonça dos meus Pais e tios todos Maconginos no Diogo Cão.

No lado direito da aula junto à parede (Longe dos "DKW" mas no lado do "SAAB"...), na carteira da frente junto ao quadro preto sentava-se o Faria, depois o Seca e de seguida eu.

O Couceiro da Costa (João Cláudio) meu grande amigo já de berço e de gerações posteriores, sentava-se ao meu lado esquerdo. (Ele vai sorrir ao lembrar-se disto)

Esperávamos todos dentro da sala o Mendonça, que por vezes demorava pelos seus afazeres (Vice Reitor) e pela passada lenta daqueles sapatos grandes e grossos com sola tipo primeiro andar. (Não eram só as mãos nem o peito um tanto descaído que eram verdadeiramente grandes e grossos... sem insulto tudo era grande e tipo Neanderthal - a referencia à moca nem seria necessária)

O Fortuna (Que saudades), com a sua legendária "Buba" (embriaguez), a mais longa da história do Liceu Diogo Cão, considerada como a mesma e permanente desde há mesmo muitos anos passados por ser continuada diariamente antes dele chegar a sobriedade, com o que suspeitávamos ser com a destilação do vinho no laboratório de físico químicas (aguardente), ele ficava muitas vezes na aula erecto e sorumbático no seu uniforme amarelo com botões dourados até o Mendonça entrar.

Na tensão e nervosismo de uma aula dura a ter lugar, o Seca ia lá fora de vez enquanto ver se o Mendonça vinha, e voltava. Ao vê-lo surgir inesperadamente das escadas centrais em vez das do fundo do corredor, entrou na aula de rompante e disse euforicamente com um berro "Aí vem a Bomba".

O Mendonça entrou logo de seguida. Com o seu olhar azul acinzentado e voz de trovão perguntou caminhando na minha direcção: "Quem disse vem aí a Bomba?"

Eu era normalmente o primeiro suspeito em quase tudo, eu estava em perigo mas, digo-vos que o Seca ao ver-me acusado muito heroicamente disse "Fui eu"...

E podem imaginar o arraial de porrada que se seguiu. O Seca parecia o "Homem de Borracha" dos quadradinhos brasileiros que a malta nessa altura lia mesmo muito. Ora por cima da carteira, ora por baixo, ora sentado, ora de pé, com o seu corpo magro de adolescente lá se ia esquivando quando possível daquelas palmadas estrondosas, vigorosas e gigantes.

Chamado posteriormente à lição em frente ao quadro preto, o Seca estava em trabalhos para responder, enquanto o Mendonça sentado na secretária tinha o livro de ponto entalado verticalmente entre o seu queixo e a mesa e olhava para a turma sem olhar para o chamado.

Eu sabia um pouco da matéria mas para salvar a situação ia soprando e soprando, mas com o nervosismo o Seca não percebia bem e eu tinha que soprar cada vez mais alto.

Ai o Mendonça ouviu e perguntou quem está a soprar?

Escusado será dizer que ninguém respondeu.

O Mendonça sabia bem da existência do nosso código de conduta. Levanta-se e manda de rompante o Faria para a Rua, mas antes do Faria chegar à porta ao passar pela minha carteira eu parei-o.

Pensando na descrita experiência do Seca tive a coragem de me levantar e dizer:

"Não, foi ele fui eu"!

O Mendonça veio e passou-me a mão pelo cachaço, agarrou-me por aí, e talvez porque o olhei directamente no olho sem piscar e nem menti, disse-me no seu sotaque madeirense que todos conhecem:

"Mê rapaz êz um home. Aczaste-te pelo tê clega. Mas vou te pôr de castigue".

E assim foi. Eu, já um matulão de 15 anos "que até já fazia a barba de 5 em 5 dias para não se notar" , fiquei ate o resto da aula virado para o cantinho.

Mas sem apanhar nenhuma daquelas palmadas das mãos que na nossa presença partiram alguns dinamómetros e que viraram muitos de nós e de outros ao avesso.

Posso ainda contar por dias sucessivos mais histórias verídicas do nosso "Charolês" o legendário "Mendonça da Forças".

A opinião de muitos acerca dele pode justificadamente variar, ser discutida, etc. etc. mas é um facto que ele sabia o nosso código e nos respeitava por isso e, no nosso Reino de Maconge (O Reino de todos o antigos estudantes da Huíla) e nas recordações de todos , sem dúvida que o Homem Fez, Faz e Fará parte da nossa Grande História a ser recontada mesmo muito depois dos nossos tempos.

**BEM HAJAM TODOS
OS PRESENTES E OS AUSENTES.**

GINGA MALAIA

Joaquim Seabra Marques Pires

29.

O toque do despertador em plena aula da Água Lusa...

No internato dos Maristas , em conversa habitual com o Fernando Emílio Campos Sabrosa um velho amigo, conterrâneo, companheiro de mesa e de camarata , ele enfaticamente afirmou algumas vezes que os melhores despertadores no mercado eram aqueles muito grandes da fabrica "Reguladora", que no seu tique toque rufavam toda a noite e todo o dia alto como um tambor militar romano , tendo 3 enormes campainhas no topo , que quando tocavam soavam tão alto e tão forte que de modo algum ninguém poderia ficar a dormir. Embora na minha vida nunca tenha necessitado de despertador, eu acreditei no Sabrosa e comprei um dos tais para mim mesmo e para as possíveis necessidades.

Eu tinha e tenho um outro velho e grande amigo, o Jaime Gil da Paz (Já-Já), um aluno brilhante do Tchivinguiro, onde o chamavam de PH (Por mera curiosidade e referencia tinha por acaso uma paixão "assolapada" pela nossa contemporânea a grande Tinita (sofia). Ou seja precisamente a criadora deste mesmo fio, paixão que por ser tão grande talvez ainda hoje brilhe na escuridão imensa e desconhecida do espaço e do tempo.

O nosso PH visitava-me aos fins de semana que algumas vezes passávamos juntos . Ele não era como eu , receava acordar tarde na segunda feira e perder o Machimbombo "Scania Vabis" de volta para o Tchivinguiro. E assim a seu pedido emprestei-lhe o famigerado despertador.

Quando o despertador me foi devolvido pelo PH, estávamos já à hora de irmos para as aulas e no Liceu. Assim levei aquela máquina infernal para a turma e coloquei-a dentro da minha carteira para mais tarde o levar de volta para o internato. Ai o nosso César (teu ilustre primo), estava a observar e viu uma excelente oportunidade de gozo e na minha ausência e sem o meu conhecimento, com a cumplicidade tácita do senhor Bacalhau, deu corda naquela coisa e programou-o para despertar mesmo no meio da aula de Inglês, mais precisamente na aula da professora Dra Água Lusa.

Nessa turma que creio estarmos a referir-nos ao 5.B de 1960/61. À minha volta eu tinha sentados nas outras carteiras entre muitos outros os ilustres César, Bacalhau, Avelino Ramos Pereira , Magalhães, Menezes Antunes , Trindade, Traguedo, Grima mais velho, Parente Ramos, Luís Manuel, Xana, e muitos que provavelmente ainda se recordam deste episódio. Estava eu descansadíssimo sentado calmamente na minha carteira, provavelmente a desenhar aviões, coisa que era tão do meu agrado, quando as 3 campainhas do meu despertador muito derepente e inesperadamente dispararam ruidosamente fazendo tino às recomendações do Sabrosa de que com uma máquina daquelas a funcionar nas proximidades ninguém ficaria de modo algum a dormir.

Como muitos dos outros, do susto inesperado eu saltei alto na carteira.

O Bacalhau que assistira à preparação da partida e esperava ansiosamente em tensão pelo desfecho e resultado, largou uma gargalhada altíssima e abrupta .

A Água Lusa que agora caminhava em velocidade na minha direcção mandou o Bacalhau logo disparado para a rua. Enquanto furiosíssima olhava para mim, o raio do dono daquele aparato descomunal, o bandido que tivera a ousadia dum tal descabro .

E coisa rara e absolutamente inesperada nesta professora educada e gentil, ela berrou:

"Como é que vocês me podem fazer uma coisa destas ? Que grande desconsideração, Será que isto quer dizer que a minha aula é para dormir? "

O César previra antecipadamente todo o gozo mas não pensou em todas as consequências, preocupado agora com o Bacalhau, olhava para mim indeciso se devia ou não em confessar o seu feito.

Enquanto eu com a cara e a voz mais santa e mais convincente do mundo, aproveitando a força moral da fé de que eu estava de facto totalmente inocente, explicava detalhadamente e convincentemente com toda a lata a historia do amigo do Tchivinguiro, da necessidade do despertador, do facto de não poder tê-lo levado para o internato e do disparo que fora uma "Mera coincidência não intencional".

Fui tão convincente que o Grima mais velho me perguntou se eu na realidade "hipnotizava professores".

Para finalizar

O Bacalhau não apanhou falta disciplinar.

O César o estratega, planeador " não foi considerado como tal.

Eu devido à sinceridade e honestidade da minha explicação , também não.

Lembro-me de na aula seguinte estar a ouvir o tique taque alto do despertador dentro da carteira no silencio dum ponto escrito, e de olhar para o César esperançado que ele não tinha repetido a gracinha, agora na aula seguinte.

E GRANDE FERNANDO -Para acordar o Espírito de todos aqueles que a viveram e vivem Maconge, e para a nossa posteridade, fica assim pela primeira vez em arquivo escrito (Em Português fraco e sem peneiras) mais uma historia verídica dos nossos tempos maravilhosos que se recusam a desvanecer. e da qual o teu primo, o meu grande amigo César e o meu grande amigo Bacalhau e Eu fomos os principais protagonistas.

GINGA MALAIA

Joaquim Seabra Marques Pires

30.

O dia em que o Néné Miranda e o Eddie decretaram o boicote à Livraria Académica

Esta história confirma a solidariedade de que fala o meu amigo Seabra. É mais uma das histórias do 5º B. Numa aula da Drª Soledade - conhecida pela malta como a "Solivaca" - o Viegas, sentado na 1ª fila, fez uma partida qualquer que irritou a dita senhora ao ponto desta lhe ter pregado duas bofetadas. Não me lembro de alguma vez um professor ter chegado ao castigo físico a um aluno. Mas aconteceu. A notícia correu depressa. Num dos intervalos, a malta recebeu instruções para se concentrar no pátio inferior - onde a Mocidade Portuguesa formava - porque iria ser feita uma importante proclamação pelo Presidente da Academia. Centenas de alunos reuniram-se no pátio. O Presidente era o Néné Miranda, detentor de 14 matrículas, e outro destacado dirigente era o Eddie. Os dois ficaram de pé, no muro que circundava o pátio onde a malta se aglomerava. Fez-se silêncio e o Néné Miranda, numa voz solene, disse mais ou menos o seguinte: "malta, foi hoje cometida uma grave ofensa contra um colega nosso, pela professora Solivaca que, de cabeça perdida, agrediu o nosso colega numa aula. Em consequência, a Academia da Huíla decreta um boicote total dos alunos do Liceu à Livraria Académica, propriedade da referida professora. Nenhum aluno do Liceu Diogo Cão comprará um lápis, uma borracha, uma folha de papel na Livraria Académica, até que a Solivaca peça desculpas ao nosso colega."

Em seguida, o Eddie adiantou-se, mostrou os músculos e ameaçou: "quem for visto a entrar ou sair da Livraria Académica sofrerá as consequências".

Era assim a solidariedade entre os maconginos e assim continua. Por isso, Maconge está vivo.
Ginga Malaia

Eduardo Homem

31.

O 5. Ano Turma A 1958/59

01. Beatriz Joyce de Jesus D. Tavares
02. Cacilda de Jesus dos Santos
03. Dalila Marta da Silva
04. Fernanda Branco Martins
05. Madalena Maria Galiano Vaz Pereir
07. Maria Clementina Rosado Rodrigues
08. Maria Cristina Paiva Oliveira
09. Maria da Felecidade M.B dOliveira
10. Maria Helena Monteiro Agostinho
11. Maria Suzete de Fátima Abreu Mota
12. Alfredo Augusto Pinto de Carvalho
13. Amadeu Carreira de Almeida Estaca
14. Antonio Jose Moutinho Pereira
15. Antonio Manuel Couceiro Machado
16. Antonio Sérgio Sebastiao Sousa
17. Armênio João de Palma Neto
18. Carlos Alberto Lopes Torrinha
19. Carlos Alberto Rocha Marinho
20. Carlos Alberto Viegas Godinho
21. Décio Rui
22. Diamantino Pereira Monteiro
23. Dionísio Abilio Dias de Sousa
24. Eduardo Augusto Guimarães Teixeira
25. Fernando Manuel Cavala
26. Jorge Alves Pires
27. Jose Maria Martins
28. Jose Sanona dos Mártires
29. Júlio Augusto
30. Mario Magalhães Borges Alexandrino
31. Romero Antunes Mascarenhas
32. Rui Fernando Alexandrino Ferreira
33. Victor Manuel Torres Pontes
34. Artur Micael Videira da C.B. Amaral
35. António Damas Branco
36. Carlos Alberto Chagas Ramos

UM GRANDE ABRAÇO

Joaquim Seabra Marques Pires

32.

E para continuar a matar saudades e a lembrar velhos amigos o
6. Ano Turma B 1958/59

Alinea a)

01. Maria Celeste Johston Cardoso

Alinea b)

02. Carlos Alberto Guimarães Teixeira

03. Fernando Celorico de Almeida

04. Maria Angélica Olivia Carvalho

05. Maria Antonieta dos Prazeres C. Moreira

06. Maria Manuela Barreto Costa

07. Maria Manuela T.F. Castel Branco

Alinea d)

08. Maria Clara Guerreiro Andrea Ferreira

Alinea e)

09. Alvíto Maria Demostenes do Rosário
 10. Elsa Maria da Silva Camacho
 11. Fernando Lourenço
 12. Licínio Giestas Martins
 13. Manuel Goçálves Ferreira
 14. Maria do Carmo da Costa Nóbrega
 15. Maria Olímpia Matos Moreira
 16. Rui Joaquim Cabral Cardoso das Neves
- Alinea g)
17. Artur Alberto de Almeida Trindade
 18. Fernando Ribeiro Salgueiro
 19. Jorge António Monteiro Lopes
 20. José Marques de Figueiredo
 21. Maria Cornélia Ribeiro Luís
- Alínea h)
22. Aarão Cassoma

(No caso de qualquer engano da minha parte informem para se proceder à devida rectificação)
MUITOS DESTES NOMES TRAZEM MUITAS SAUDADES
UM ABRAÇO MALTA DO 6 ANO A

Joaquim Seabra Marques Pires

33.

Histórias inesquecíveis do Internato dos Maristas. O arremesso do pão no escuro, a expulsão e a vida solidária nas caves do Liceu...

Quando fui transferido de Luanda para o Lubango e fiquei interno nos Maristas, era nesse tempo director do internato o Irmão Celso, um alemão atarracado, óculos verdes, nariz encarnado, pessoa dura e disciplinadora. Cronologicamente eu pertenceria à camarata dos médios, mas ele despachou-me para a dos maiores por ser de Luanda e contar por isso como tendo mais cinco anos. Fiquei assim entre a mais alta hierarquia dos veteranos daqueles tempos.

Como "Candengue Kalwanda" votado ao ostracismo sem compreender que as coisas iriam mudar após um julgamento praxista, resenti o tratamento inicial dado pelos mais velhos, que se ia agravando por entre outras coisas ter medido com pau de fósforo a distância entre a minha cama e o mictório umas 5 vezes, e limpo o sanitário com a minha escova de dentes pelo menos 2 vezes.

O meu sonho utópico era apanhar todos um a um, mas eles eram muitos, unidos e fortes eu era miúdo magro e solitário.

Entre todos alguns eram os Nono Bauleth (Namibe), Trindade (Namibe), Traguedo mais velho (Quipungo), Ascenso (Namibe), Castro Alves mais velho (Namibe) Torrinha mais velho (Chibia), Alvíto do Rosário (Goa), Sacramento (Benguela) e o Picadas (Silva Porto) um privilegiado que não ficava na camarata

Paradoxalmente no refeitório fiquei com os médios, na minha mesa o Matos (Americano), o Domingos (Namibe), O Júlio (Caluquembe), o António (Missão do Balombo) e excepcionalmente o referido Picadas (Silva Porto), bem mais velho que nós, que chegara tardiamente ao internato sem lugar em nenhuma outra mesa foi colocado na nossa.

O Picadas fazia muito "Charles Atlas", por isso, usava T Shirts de manga curta para mostrar os bíceps. Cabelo à Cliff Richard, pente no bolso de trás, calças à Elvis, óculos escuros à Marino Marini, em suma o mais pipi lá do sitio. Ele simbolizava o meu ressentimento inicial aos mais velhos, adicionado por "Roncos e Bafos" recebidos do tipo "Estás aqui estás a levar no focinho".

Etc.

O Júlio (DKW) alegre, brincalhão, era a maior vítima do Picadas que o ameaçava muito de "Porrada".

Eu antagonizava-o em tudo quase em silêncio.

No ano escolar seguinte fiquei noutra mesa com o Fernando Sabrosa (Luanda), o Tita Pimentel Teixeira, (Namibe), o Rato (Lobito) e o Godinho (Lobito), éramos um time bastante fixe e forte

Na mesa ao lado ficavam o Nabos (Sumbe), o Cameme (Benguela), se a memória não me falha o Jaime (Dalatando), o Abrantes e outro que me escapa. O Picadas (que alívio) ficou como lhe competia, numa mesa de matulões com o Caetano, Traguedo mais velho, Vasques Gordo, Mourão e outros. A minha animosidade por ele ainda prevalecia.

No frio intenso do Inverno no Lubango o pão de mesa endurecia demasiado, aos 2 dias já era como pedra, à sexta feira estava como granito. Era assim o pão nosso de cada dia que comíamos" O pão que o diabo amassou".

Haviam trovoadas frequentes e à noite e acto reflexo a luz eléctrica faltava. Durante as refeições o irmão Celso, ficava de pé na porta principal do refeitório mãos atrás das costas e à noite com uma lanterna na mão.

Numa dessas noites estávamos a jantar e trovejou. A luz faltou. Embora eu já tivesse sido julgado, e era agora considerado "Um dos nossos", eu curtia ainda ressentimentos não praxistas contra o Picadas.

No meio da escuridão, antes do Celso acender a lanterna, agarrei num dos tais pães duros e arremessei-o em tiro tenso directamente à cabeça do Picadas, mas no escuro falhei e acertei na cabeça do Traguedo mais velho trilhando-lhe uma orelha.

Podem imaginar a dor duma pedra a alta velocidade bater no lóbulo de uma orelha.

O Traguedo mais velho levanta-se irritado e diz aos berros: "Porra!!" (3 vezes). "Deram-me com um pão na cabeça"!!!

A luz eléctrica voltou de seguida. Diz o Celso com o seu sotaque brasileiro, voz profunda e cavernosa: Quem foi que atirou o Pão?

Num silêncio absoluto de cerca de 300 internos da Escola e do Liceu não houve resposta, Ele insistiu: Quem foi que atirou o Pão?

Como ninguém tugiou nem mugiu, ele instruiu: Essas duas mesas do lado do pão (Nós os 10) levantem-se e esperem na varanda junto ao escritório.

Os castigos nos maristas eram normalmente de noite, chicotadas fortes com fio eléctrico dobrado.

Ofensas menos graves davam apenas um domingo ou vários sem se sair.

Ficamos os 10 sem jantar , depois duma chuvada, em camisa ao frio da noite , todos na varanda à espera até tarde da noite quando apareceu o Celso que com cara de poucos amigos nos instruiu para entrarmos para o escritório.

Enquanto esperávamos na varanda o nosso "Conselho de Estado" havia reunido. Eu confessara ser o autor do acto, e a intenção de me acusar para não sermos todos castigados. Mas de acordo com o nosso código e princípios resolveu-se que em vez disso iríamos ficar todos calados, aguentar tudo todos juntos porque um único culpado daria logo expulsão. Muitos presumíveis culpados tudo ficaria nuns domingos de castigo ou em águas de bacalhau,

O Celso já dentro do escritório olhou bem nos olhos a cada um de nós e perguntou: Quem foi que atirou o Pão? Ninguém respondeu. Num silêncio de cortar à faca, ele olhou para o relógio de pulso bateu com a mão na mesa e disse: têm 10 minutos para me dizerem quem atirou o pão.

E de pé começou a ler à nossa frente a sua revista preferida a Time..

10 minutos depois olha de novo para o relógio, enfatizando a tensão criada com o objectivo de denuncia ou baque de fraqueza de qualquer dos 10, deixa cair a revista na mesa e pergunta outra vez: Quem foi que atirou o Pão?

Nem uma palavra, nem um piscar de olhos de nenhum dos 10.

E a sentença foi proferida alto: "Façam as malas. Amanhã deixam o Internato. Têm todos 6

dias de suspensão".

O Conselho de Estado reuniu, desta vez nos chuveiros ao lado da camarata dos maiores onde às escuras todo o Mundo já dormia. De todos os outros era o Basílio quem ressonava mais alto. Uns de nós não tinham dinheiro para o Hotel, outros não sabiam como explicar aos pais ausentes a despesa e a suspensão. Foi assim decidido que ninguém iria para hotel nenhum, mas todos acampar na cave do liceu bem à vista do Internato. Todos fingiríamos que nada tinha acontecido e sobretudo

Ninguém jamais revelaria quem atirou o pão.

E FOI EXACTAMENTE ASSIM.

Passado meio Século até hoje, esta é a primeira revelação e quebra de segredo pela parte de quem de facto atirou o pão.

Tenho a dizer que contra todas as expectativas foram os 6 dias os mais originais, mais felizes das nossas vidas de internato. No liceu dormíamos os 10 na primeira cave depois da casa de banho dos rapazes (Tribunal das Bestas) em 10 camas de campanha da MP. Rapazes e raparigas, em solidariedade trouxeram-nos pratos, talheres, copos, comida, mantas, refrescas, toca cassetes e até vinho.

À noite fazíamos uma fogueira e uma churrascada no pátio. Contávamos histórias, ríamos, ouvíamos música e cantávamos. De madrugada antes de alguém chegar ao liceu tínhamos a hora do chuveiro, em que em fila todos nus, éramos regados pela água esmifrada em jacto do chafariz junto às escadas.

Nunca nenhum professor, funcionário ou guarda interferiu ou perguntou o que estávamos ali a fazer na cave do liceu, nem porquê. Tivemos pelo contrário, a maior demonstração de amizade, simpatia e solidariedade de todos os tempos.

"Colaborantes" queriam escrever aos Serviços de Educação a participar dos Maristas por terem colocado na rua sem guarida, sem comida e em sem aviso prévio às famílias 10 menores. Pedimos para ignorarem o caso, no final de contas o Celso até era um dos nossos e não fora ele quem atirara o pão.

Tenho ainda hoje grande admiração pelo Irmão Celso e pelos Maristas, como educadores e formadores de carácter. Ali havia disciplina forte e verdadeira e todos beneficiámos muito dos seus ensinamentos.

E também tenho ainda hoje grande admiração pelos 9 MACONGINOS que alinharam comigo, me defenderam e protegeram da expulsão, e que nunca até hoje me recriminaram ou revelaram quem de facto atirou o pão..

Eles foram, são e serão meus amigos verdadeiros para sempre até à eternidade.

FICOU ASSIM AQUI REGISTADO MAIS UM EXEMPLO DE CARÁCTER, LEALDADE E DE CAMARADAGEM MACONGINA- E DE PROFUNDA E VERDADEIRA SAUDADE

Quanto à minha aversão acérrima ao Picadas, curou-se completamente. DE ACORDO COM NA NOSSA TRADIÇÃO depois de jogarmos bem e a sério à porrada, libertamos as tendências recalçadas nos nossos sub-conscientes, e nesses casos dá-se sempre um grande abraço, atiram-se fora todos os ressentimentos e fica-se amigo verdadeiro e sincero para sempre. [B]E ASSIM FOI.

GINGA MALAIA

Joaquim Seabra Marques Pires

“A grande diferença de Maconge é que não é uma sociedade motivada pelo poder, pelo dinheiro, mas uma sociedade de AFECTOS. E esse é o nosso poder. Vamos deixar que isso acabe!”

Querido amigo, que história fantástica e que prazer ao lê-la! É como se lá estivéssemos outra vez, novamente juntos, alegres companheiros. Tens uma memória espantosa - porque é uma memória AFECTIVA! E contas muito bem, com humor e sentimento, as crónicas espantosas do Diogo Cão. Sabes, meu amigo, como seria diferente o mundo, se Maconge fosse universal! Os códigos de honra implícitos, a camaradagem, a aventura, o respeito sem medo e sem subserviência pelos mais velhos, a alegre irreverência, o abraço forte que vale mil palavras, a ajuda sem pensar, a liberdade - todos estes valores que preservamos, nós, os de Maconge, não existem mais no mundo! E essa é a verdadeira causa dos tempos críticos que vivemos. Pergunto-me, muitas vezes, caro Seabra, SE NÃO SERIA POSSÍVEL PASSAR O ESPÍRITO DE MACONGE AOS NOSSOS FILHOS!? Se haveria uma maneira de não o deixar morrer, quando todos nós nos ausentarmos para parte incerta? Não será possível criar uma geração herdeira de Maconge? Dirás que os nossos filhos não viveram aquele ambiente e que os tempos actuais nada têm a ver com os nossos. Mas...será o passado que nos une... ou serão os valores desse passado que cultivamos? Dirás que a juventude actual troça do romantismo. Mas não será essa troça uma troça amarga?

Já levei os meus filhos a uma ceia de Maconge, aqui, no exílio onde vivo. Ficaram de boca aberta com o que viram, mas não quiseram voltar. No entanto, se tivessem convivido com os filhos de outros maconginos, talvez se entusiasmassem!

Existem várias sociedades que perduram - maçonaria, opus dei, etc. A grande diferença de Maconge é que não é uma sociedade motivada pelo poder, pelo dinheiro, mas uma sociedade de AFECTOS. E esse é o nosso poder. Vamos deixar que isso acabe!?

Continua a contar, meu querido amigo. Não imaginas o prazer que nos dá com as tuas histórias. Hoje, graças a ti, tenho outra vez 14 anos. Estou outra vez apaixonado. Pela vida. Bem hajas, Seabra!

Ginga Malaia!

Eduardo Homem

35.

As histórias são para se contar...

Passai por cá hoje e mais uma vez me delicieei com as histórias do Seabra, essencialmente a do despertador que me avivou na memória aquela fatídica aula. Aquela turma era realmente única e o nosso mui querido Bacalhau era o protagonista de diversas "maldades". Estou a lembrar-me agora dele na carteira do fundo preparando o pequeno-almoço em plena aula já não me lembro de quem!

Peço-te, caro Seabra, que lhe dês um grande e forte abraço meu quando estiveres de novo com ele!

Quanto a ti, Eduardo, podes crer que partilho da tua opinião mas sinceramente, não vejo a geração que nos substituirá a manter esta cadeia de fraternidade! E é realmente uma pena!

Abraço,

Ginga Malaia

Luís Manuel Silva

36

Quem não pensa como eu que se mate ou que se lixe

Em Angola o Espírito Macongino continua a recrudescer e desejava mesmo muito que vocês e todos os nossos que desfrutaram e vivem este fio, estivessem fisicamente lá na nossa última Ceia do Lubango. E sentissem, entre os nossos velhos eucaliptos agora ainda maiores e mais frondosos que outrora, na Nossa Sernhora do Monte, à Ceia à qual tive o privilégio de assistir, juntamente com uma grande quantidade de malta da nossa, vinda de muitos outros sítios e dos simpatizantes e adeptos da nossa causa que por lá apareceram.

A Malta reunida nos "Reais Passos de Maconge", entre muitas outras coisas cantou toda junta o que já cantávamos há mais de meio século.

Perdurei a sensação que naquele preciso momento da presença forte de todos os presentes e ausentes, a qual me fez sentir espiritualmente abraçado e leve, num momento bom em que não houve APIs - Porque espiritualmente estávamos todos lá.

Coisas fortemente emocionantes que me trouxeram o mesmo arrepiamento que vocês neste momento estão a se A grande diferença de Maconge é que não é uma sociedade motivada pelo poder, pelo dinheiro, mas uma sociedade de AFECTOS. E esse é o nosso poder. Vamos deixar que isso acabe!?

O Maconge é como diz o Eduardo (Com a minha profunda e dedicada subscrição), uma Maçonaria sem qualquer fim lucrativo que se baseia inteiramente em afecto e camaradagem .

E por esse afecto e camaradagem serem sinceros e verdadeiros, o nosso Espírito é genuíno e vive.

Por isso é um prazer e uma honra ser-se Macongino, uma maneira bem diferente de se estar na vida.

Como vocês e como muitíssimos de nós penso muitas vezes como seria bom que os nossos desejos e tradições Maconginas se continuassem a manifestar e a viver, através de nós, dos nossos filhos , dos nossos netos e dos nossos colegas e amigos. Todos a fazerem parte da nossa tradição e da continuação do Reino Macongino, do que desde há gerações passadas constitui o nosso Espírito e tradição que continua a viver e nos une.

Desejos maioritários e absolutamente justificados entre Maconginos como nós, desejos que não são exclusivos apenas meu ou apenas vossos, porque dentro de nós todos existe um Macongino que não morre e é eterno, mas que às vezes necessita de ser acordado.

ESSA É A NOSSA CAUSA.

VOCÊS EMBORA NÃO TENHAM NOTADO ESTÃO TODOS MOBILIZADOS.

DURA PRAXIS SED PRAXIS

Obrigado a vocês os dois, companheiros e amigos verdadeiros dos nossos tempos de estudante, e obrigado a todos os outros e à malta que me tem mandando mensagens particulares amigas a estimularem a NOSSA VONTADE DE PROSSEGUIR e de aglutinar a nossa malta , sobretudo em Luanda , apenas por desejar que a nossa tradição e cultura se expandam, que viva e que continue.

ENQUANTO HOUVER UM DE NÓS EM QUALQUER CANTO DO MUNDO O REINO DE MACONGE CONTINUA.

No Lubango celebramos com muito afã no nosso próprio " Berço e capital do Reino", a nossa camaradagem, amizade, Espírito e união.

Brevemente em fins Março faremos o mesmo em Luanda onde existem presentemente mais Maconginos que no próprio Lubango, alguns perdidos na confusão e enormidade desta grande cidade onde a comunicação se existe não se ouve ou não funciona ..

Estão todos convidados.

A todos os Maconginos em todos os continentes e cantos do Mundo em nome da malta de Luanda, desejo-vos felicidades.

QUE A NOSSA PRAXE MACONGINA CONTINUE.

QUE CADA ANTIGO ESTUDANTE DA HUILA AJUDE A PROPAGAR E A CONTINUAR O NOSSO ESPÍRITO E A NOSSA TRADIÇÃO MACONGINA.

QUE O REINO DE MACONGE, O REINO DE TODOS OS ANTIGOS ESTUDANTES DA HUILA SE EXPANDA E VIVA PARA SEMPRE.

QUEM NÃO PENSA COMO EU QUE SE MATE OU QUE SE LIXE

GINGA MALAIA

Joaquim Seabra Marques Pires

37.

"Os Bispos Clandestinos", as ponteiradas que o Fortuna apanhou indevidamente e outros episódios...

Encontrei o Bacalhau ocasionalmente na rua ontem.

Passei-lhe como não podia deixar de ser o teu abraço, e o abraço de todos aqueles da malta que me escreve e me pedem sempre e muito para lhe dar.

E por ser oportuno perguntei-lhe se se lembrava da cena do despertador.

Rimos os dois na na rua como verdadeiros malucos até lacrimejar.

No meio da alegria dessa onda de saudade ele lembrou-me duma outra na aula da Água Lusa em que ele estava distraído (Como calculam coisa bem rara) e a professora mandou-o traduzir "The Bishop's Candlesticks" (Os candelabros do Bispo).

O Bacalhau vindo de um outro mundo aterra como que a tentar localizar em que galáxia de facto estava.

Olha em sua volta desesperado à procura de uma ajuda orientadora.

E diz-lhe o Sérgio tipo anjo da guarda num sopro rápido que na altura pareceu providencial:

"Os Bispos Clandestinos"!!!

E coma ar confiante e sapiente repete bem alto o Bacalhau: "Os Bispos Clandestinos"!!!

Não é que a malta soubesse muito inglês mas essa deu para rir durante alguns tempos ... até agora...

(Coisas típicas do Sr. Sérgio.)

E de seguida numa pequena e oportuna romagem de saudade diz-me o Bacalhau.

Lembras-te do "Bírgulas"? Quando durante uma aula "ruou " um de nós e esse voltou à aula batendo à porta umas cinco vezes intencionalmente para interromper, à procura de um objecto diferente de cada vez que teria ficado na carteira?

O "Bírgulas" depois de ter berrado com o ruado ouviu bater à porta mais uma vez e, de ponteiro aferrado pé ante pé esconde-se atrás da mesma, manda o presumível ruado entrar e dá 3 ponteiradas rápidas e de seguida na cabeça do Velho Joaquim Fortuna.

Para finalizar o "Bírgulas" por acaso foi meu professor mas não no Diogo Cão.

Não vivi esta pessoalmente nem in loco como as outras duas. Mas vivo e gozo-a agora por tabela.

Um abraço para ti e outros para todos do nosso grande amigo comum Bacalhau (Orlando Wenceslau de Carvalho).

Bem Hajam

Joaquim Seabra Marques Pires